O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS — SABBADO 16 DE SETEMBRO DE 1893 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:298

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Interesse local.—Mortos illustres.—Ministro das obras publicas.—Noticias do estrangeiro.—Carta de Lisboa.—Noticiario.—Assumpto historico.—Folhetim: Os Crentes.—Assumpto agricola.—O perigo do gelo.—Secção litteraria.—Bibliotheca Historico-Politica.

AVEIRO

INTERESSE LOCAL

Uma das grandes necessidades, entre os melhoramentos promettidos para a barra d'Aveiro pelo sr. ministro das obras publicas, na sua visita a esta cidade, é certamente a creação do laboratorio de zoologia maritima.

Está provado que nenhum dos riachos apontados ha pouco pela imprensa para estabelecimento d'essa escola, se presta como o nosso importante estuario á procreação e desenvolvimento das especies, e que só na formosissima e extensa bacia hydrographica de Aveiro poderá, sem receio de se errar, estabelecer-se com vantagem um laboratorio de piscicultura pratica.

N'este generoso intuito se tem entregado n'estes ultimos tempos a um estudo profundo e completo sobre o assumpto o distincto engenheiro encarregado da direcção das obras do nosso porto maritimo, o sr. Mello de Mattos, que tem para isso já elaborado um projecto magnifico, que ha dias nos foi permittido ver, e que revela não só a competencia e vasta erudição do seu auctor, mas ainda os largos recursos da sua incontestavel proficiencia technica, e a dedicação com que se votou tambem, n'um extremo de affecto muito para louvar, aos interesses e desenvolvimento das nossas coisas.

Vae ser presente ás estações superiores esse importante trabalho, que o sr. conselheiro Bernardino Machado viu aqui tambem, e para então reservamos nós tudo o que temos a dizer ainda sobre o assumpto. Até lá por emquanto, limitamo-nos a affirmar que pelo plano do sr. Mello de Mattos nada gastará o estado na creação da escola, porque d'aqui mesmo se fornecerão os meios necessarios para essa utilissima instituição, sem precisarmos de recorrer á bolsa do contribuinte ou a novos sacrificios tributarios, o que é já muito para attender-se.

*

Outra das medidas apontadas como das mais indispensaveis, está já felizmente em via de realisação. E' tambem uma das promessas do sr. conselheiro Bernardino Machado, que nos é grato ver cumprida dentro de pouco, como parece que o será agora. Referimo-nos á creação da escola industrial.

Acaba de ser nomeado para ella o professor; e, como uma vez dissémos aqui já, ninguem com mais competencia, com mais dotes de caracter ou com mais merecimentos. Essa nomeação, que honra sobremodo o individuo sobre quem recahiu, não honra menos o ministro que a fez, e quando todas as escolhas no funccionalismo portuguez se fizessem de empregados como o é o futuro professor da Escola Industrial d'Aveiro, certamente encontrariam, como n'esta, o applauso mais sincero e mais unanime.

Foi o escolhido do sr. ministro das obras publicas o nosso prezado amigo, sr. Francisco Augusto da Silva Rocha, um moço que tem aqui as sympathias geraes, e que as tem sabido merecer por uma conducta sempre elevada, pelo seu genio de trabalhador infatigavel. Os nossos parabens mais cordeaes, e um novo abraço de sincero jubilo.

MORTOS ILLUSTRES

MARQUEZ DE PENALVA

I

Finou-se, desappareceu para sempre um dos vultos mais respeitaveis e respeitados da antiga fidalguia portugueza. Era um aristocrata, e era um bom. Corria-lhe nas veias fidalguissimo sangue, mas tinha no coração a essencia do bem. Era uma tradição viva do passado, perante quem todos se curvavam reverentes. Herdara um nome illustre como os que o são, mas nunca invecou as tradições d'elle a não ser para o honrar e enaltecer com nobilissimas acções. A sua casa era porto de abrigo para muitos infortunios, lar amigo onde tinham logar os homens de todas as classes e de todos os partidos. Houve tempo que ella foi ponto de reunião d'uma geração de politicos e homens de letras, dos mais distinctos de Portugal, de ha quarenta annos; as quintas-feira do palacio Penalva eram o mesmo que os sabbados da Ajuda; aqui presidia o primeiro historiador portuguez Alexandae Herculano, alli o morto illustre—o sr. Marquez de Penalva. Os convivas eram quasi que os mesmos tambem.

D'esses poucos já restam, por isso cumpre aos novos, aos que vierem depois, fazer o que elles fariam se fossem vivos, desfolhar algumas flores sobre a sepultura do amigo que sabia ser amigo como os que o são, do fidalgo entre os fidalgos.

D. Luiz Telles da Silva Caminha e Menezes, 5.º marquez d'Alegre de *juro e herdade*, 8.º conde de Tarouca, tambem de *juro e herdade*, par do reino, tenente-general do exercito, etc., casou em segundas nupcias com a ex.ma sr.a D. Margarida de Almeida, filha dos 3.os marquezes de Lavradio.

D'este consorcio nasceu no Rio de Janeiro, a 26 de novembro de 1813, o sr. D. Fernando Telles da Silva Caminha e Menezes, 4.º marquez de Penalva, 10.º conde de Tarouca e um dos nossos amigos mais queridos. Se pelo nascimento não o ha mais fidalgo e pelas acções de toda a sua dilatada vida não o havia tambem mais digno do respeito e da veneração de todos. Era um aristocrata e era um bom dissemos.

O titulo de marquez de Alegrete foi creado por D. Pedro II em 19 de agosto de 1687 e tornado de *juro* e *herdade* por D. Maria I em 4 d'abril de 1795 e o de marquez de Penalva por D. João V em 7 de fevereiro de 1750.

Alliadas por casamento as duas familias Penalva e Alegrete, determinou-se que os dois titulos se alternassem na ordem da successão e que os primogenitos podessem usar do titulo de condes de Tarouca ainda *em vida* de seus paes. E' por aquelle motivo que o meu saudoso amigo teve o titulo de marquez de Penalva, emquanto que seu pae usou o de marquez de Alegrete.

O sr. marquez de Penalva frequentou com muita distincção as aulas do collegio do Espirito Santo, dos Padres Oratianos, em que teve por condiscipulo o meu sempre lembrado amigo e distinctissimo escriptor Ignacio de Vilhena Barbosa.

Por carta regia de 30 de abril de 1826 foi nomeado par do reino, bem como seu pae o marquez de Alegrete. Era portanto o ultimo sobrevivente dos dignos pares nomeados logo em seguida á outhorga da Carta. O sr. marquez de Penalva, como fosse ainda menor, não pôde então prestar juramento e tomar assento na camara alta, o que mais tarde tambem não fez, pelos motivos que vou dizer.

S. ex.a foi um dos signatarios da representação que a maioria da nobreza de Portugal dirigiu em 1828 a D. Miguel pedindo-lhe para que se acclamasse rei e bem assim assignou, por procuração, ao assento dos Tres Estados de 11 de julho do mesmo anno, em que se declarava que a corôa pertencia de direito ao mesmo infante. Por aquelle facto ficou em 1834 inhibido de tomar assento na camara dos pares, em virtude do decreto de 28 de maio de 1834; este decreto, porém, foi mais tarde derrogado por outro, (23 de maio de 1851) podendo assim s. ex.a, como outros fizeram, occupar aquelle por tantos ambicionado logar, mas não só o não fez, mas até declarando em carta dirigida á *Revolução de Setembro* em 30 de maio de 1851, que não acceitava os effeitos d'este ultimo decreto.

Uma vez tomado um caminho não era o nobre marquez homem que retrocedesse. Muito novo ainda affeiçoou-se a D. Miguel, pois essa affeição nada houve capaz de a fazer oscilar um momento sequer, homem d'uma só fé, foi um dos mais fieis cortezãos da realeza do exilio, sem por isso deixar de ser um dos maiores respeitadores da realeza constitucional.

O sr. marquez de Penalva fez parte do exercito de D. Miguel, havendo sentado praça em cavallaria, foi despachado alferes d'esta arma em 16 de outubro de 1833 e tenente de estado maior em 12 de março de 1834, foi um dos convencionados d'Evora Monte.

*

JOSÉ HENRIQUES FERREIRA DE CARVALHO

I

Tambem o posso contar no numero dos meus mortos, não obstante o ter mantido com elle apenas ligeiras relações. Vi-o uma unica vez, parece-me que foi a ultima em que veio a Aveiro. Já lá vão talvez oito ou nove annos; encontrei-o na rua que tem o nome de um homem que foi um dos seus mais e melhores amigos e que é a maior gloria d'Aveiro, José Estevão, e acompanhava-o outro amigo não menos dedicado e que Aveiro tambem se présa de haver tido por seu filho e eu por padrinho, Mendes Leite.

Por vezes pensei em o ir visitar ao seu ermiterio de Serem, mas nunca realisei este desejo, e agora já me não é dado fazel-o, pois a morte acaba de victimal-o.

Nos fins de 1881 ou começo de 1882 publicava eu no *Jornal do Commercio*, de Lisboa, uma série d'artigos sobre factos concernentes á revolução popular de maio de 1846 e á Junta que em outubro d'esse anno se organisou no Porto. Differentes jornaes referiram-se a elles com louvor que eu não merecia e alguns homens publicos escreveram-me felicitando-me, e encorajando-me. N'este numero conta-se o sr. José Henriques Ferreira de Carvalho, testemunha presencial de muitos dos factos de que me fizera chronista. Guardo essa carta entre os meus papeis mais queridos, e se a não reproduzo aqui é porque n'ella me attribue meritos que não tenho.

Consultei-o depois, e por vezes, sobre alguns pontos escuros da nossa historia contemporanea, e escusado é dizer que encontrei sempre o generoso auxilio da sua feliz reminiscencia.

A constante convivencia em que durante muitos annos estive com meu bom padrinho e nunca esquecido amigo Mendes Leite, fez com que eu consagrasse a mais alevantada admiração pelo nobilissimo caracter e desinteressado civismo do sr. José Henriques, de quem aquelle me fallava sempre com enthusiasmo e uma amisade que só a morte foi capaz de quebrar.

Já que como romeiro do dever não cheguei a ir nunca em peregrinação ao ermiterio de Serem, remirei essa falta, esboçando a vida publica do austero cidadão.

Nasceu o sr. José Henriques em Albergaria a Velha em 25 de dezembro de 1803, e frequentando em 1824 na Universidade de Coimbra a faculdade de leis, viu-se obrigado a emigrar para Inglaterra para evitar ser preso e degredado perpetuamente para o presidio das Pedras de Engoche a que fôra condemnado. O crime que dera causa a tão grave pena foram os seus sentimentos liberaes e o ter tomado parte n'umas manifestações anti-absolutistas que se realisaram em Coimbra nos dias 23, 24 e 25 de fevereiro. Em virtude de consulta, d'uma junta chamada *expurgatoria*, creada por carta regia de 5 de dezembro de 1823, de 24 e 25 de março de 1824 fôra riscado perpetuamente da Universidade conjunctamente com Manuel e José da Silva Passos e outros estudantes de principios rasgadamente liberaes, por portaria de 30 d'outubro d'este anno, firmada pelo marquez de Palmella, então ministro do reino.

A sentença que o condemnou a degredo fori mezes depois julgada sem effeito por um decreto de amnistia publicado pelo ministerio Palmella-Subserra; mas não obstante isso o sr. José Henriques continuou emigrado, não voltando á patria senão em 1826. Foi então viver com seus paes em Albergaria a Velha, visto o decreto de amnistia não lhe permittir o continuar a frequentar a Universidade.

Como é sabido, jurada a Carta sublevaram-se em differentes pontos do paiz alguns regimentos e levantaram-se bastantes guerrilhas contra o governo da regente a infanta D. Izabel Maria. Uma d'ellas era capitaneada por um celebre facinora da Beira conhecido pelo Cachapuz. Contra ella marchou o sr. José Henriques e seu irmão João Henriques Ferreira Junior com grande numero de populares seus patricios, conseguindo batel-a na serra das Talhadas. Este facto foi um dos que mais concorreu para levar depois á forca o segundo d'aquelles jovens defensores da liberdada e de novo ao exilio o primeiro.

Nos trabalhos preparatorios para e revolução de maio de 1828 bem como na propria revolução tiveram egualmente parte importante os dois irmãos, pelo que o sr. José Henriques se teve de homisiar immediatamente para Villa Nova de Gaya, d'onde depois passou a Inglaterra e de lá á Bahia, e o segundo foi preso e julgado pela sentença da alçada, que o condemnou á morte.

MARQUES GOMES.

Ministro das obras publicas

O sr. conselheiro Bernardino Machado, illustre ministro das obras publicas, porque não poude agradecer individualmente as manifestações de sympathia e de respeito de que foi alvo por occasião da sua visita a esta cidade, faz o reguinte agradecimento, que com prazer publicamos:

Bernardino Machado, não podendo agradecer individualmente todas as demonstrações de estima que ha pouco lhe foram dispensadas durante a sua visita á cidade d'Aveiro, protesta por este meio o seu reconhecimento e gratidão a quantos por qualquer modo alli o honraram com os seus favores e attenções.

Lisboa 14 de setembro de 1893.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

São muito graves as noticias que nos chegam do Brazil. Os telegrammas que seguem dizem que a capital d'aquelle grande paiz está a ser bombardeada pela esquadra que levantou o pendão da revolta. E' muito para lamentar o que alli está succedendo. Aquelle estado de cousas é impossivel de manter-se e por isso espera-se de momento para momento noticia do desfecho da lucta que alli se debate.

O desfecho é e não pode deixar de ser outro—a queda de Floriano.

Buenos-Ayres, 14, manhã.—(Telegramma da Agencia Reuter).—O marechal Peixoto está senhor das communicações, telegraphicas. A esquadra sublevada bombardeou Gamboa, e apoderou-se da canhoneira *Alagoas*. Os escriptorios da companhia do cabo submarino foram abandonados em consequencia d'um incendio no arsenal. O canhoneio dos fortes contra a esquadra sublevada não produziu effeito. O couraçado *Bahia*, que se dirigia ao Paraguay, recebeu ordem de voltar para Montevideo. A canhoneira *Tiradentes* ancorou em Montevideo, prevendo o ataque do transporte *Itaoca*, que está em poder dos rebeldes.

Paris, 14, tarde.—Dizem de Buenos-Ayres que continuam os alarmes, tendo sido affastada parte da guarnição; corre o boato de que os insurrectos brazileiros estão bombardeando o Rio de Janeiro.

Washington, 14, tarde.—O secretario de Estado recebeu um despacho telegraphico do Rio de Janeiro annunciando que os navios insurrectos bombardearam os fortes á entrada da bahia, e ás 11 horas da manhã bombardearam tambem o arsenal e o centro da cidade, onde ficou morta uma pobre mulher; os telegrammas commerciaes foram novamente prohibidos.

Roma, 13.—O governo italiano resolveu enviar vasos de guerra para o Brazil, afim de protegerem os subditos italianos que alli residem.

Washington, 15, manhã—As ultimas noticias do Rio de Janeiro, recebidas já esta madrugada, fazem antevêr muito positivamente a queda do governo do marechal Floriano Peixoto, porque o descontamento espalha-se no exercito, cuja opposição ao governo do vice-presidente começa a ser muito accentuada. Ha a supposição fundada de que o almirante Custodio José de Mello não teria tomado uma iniciativa tão arrojada sem estar seguro do apoio, pelo menos, d'uma parte do exercito. O governo fez retirar da cidade algumas forças da guarnição.

Berlim, 14, tarde.—A *Gazeta da Allemanha do Norte*, tem noticia de que as duas corvetas allemãs que estavam em Buenos-Ayres, partiram hontem para o Rio de Janeiro.

CARTA DE LISBOA

15 DE SETEMBRO DE 1893.

Está emfim publicado o decreto que colloca definitivamente o pessoal de fazenda. Como era de esperar, não satisfaz a todos, e ha até uma grande quantidade de queixosos que não se resignam a deixar de reclamar contra elle. Na collocação houve pouco escrupulo. Quando devia attender-se ás commodidades do pessoal deslocado, vê-se que foi transferido por exemplo o empregado que estava em Louzada para Mora, concelho de 4.a classe, que fica no extremo do Alemtejo. Ora isto não tem nada de justo, se se attender principalmente a que o transferido é um funccionario com larga folha de serviços, muito probo e muito digno. E como este deve haver mais. O que se fez não pode ser um trabalho definitivo: é um trabalho para aperfeiçoar. Valha aos offendidos nos seus direitos essa atenuante.

— Complica-se a questão que traz entretido o governo e as associações commerciaes de Lisboa e Porto, a questão da lei do sello, pois que o sr. Fuschini acaba de responder em officio ao presidente da associação de Lisboa, expondo-lhe as razões porque a sua representação não pôde ser attendida. E questão que levada a este grau, não pode deixar de dar de si.

— O sr. infante D. Affonso, recahio da molestia que ha pouco o acometteu, e não está bom. Sua augusta mãe procura transferir-se o mais breve possivel para o Estoril, pois espera que seu filho encontre no bom ar que alli se respira as melhoras que tanto lhe deseja.

— O *Diario* de hoje publica a permuta dos srs. Guilhermino de Barros e Madeira Pinto, que se substituem reciprocamente nos logares que exerciam. Os decretos são como não podiam ser, muito honrosos para o sr. conselheiro Guilhermino de Barros.

— O pedido da syndicancia instantemente requerido pelo sr. conselheiro Alfredo Pereira, inspector geral dos correios, foi indeferido, pelo governo, com a declaração de que não havendo o mesmo funccionario desmerecido da sua confiança não havia motivo para se levar a effeito a syndicancia pedida. Apezar d'isso o sr. conselheiro Alfredo Pereira, entendeu dever pedir licença temporaria, para que a presença nas instancias postaes não podesse, directa ou indirectamente, influir nas investigações que o governo porventura pretenda fazer nos mesmos serviços e que deseja sejam realisadas com a maior clareza e nitidez.

— O sr. ministro das obras publicas vae resolver sobre a continuação no serviço dos conductores e desenhistas auxiliares, pois que isso se torna urgente.

— Sobre a subtracção dos pergaminhos levados do archivo da camara de Bragança, ás *Novidades* foi enviada d'alli a seguinte carta:

Sr. redactor das *Novidades*.—A' noticia dada pelas *Novidades*, quanto á subtracção de varios pergaminhos, subtracção feita ha pouco no archivo municipal de Bragança, póde v. accrescentar o seguinte:

Que entre aquelles primores de arte havia uma pintura em pergaminho, digna de opulentar qualquer dos museus de Madrid, Londres, Louvre ou Vaticano. Era a imagem do Christo suando em Gethsmani, cujas bagas de suor, como perolas argentinas, eram enxutas por manoplas de ferro d'uns judeus que saiam d'um outeiro proximo que alli ha em fórma precisamente comica, os quaes são d'um aspecto todo vandalico; entre Judas e os judeus apparece o Longuinhos, cego, porque não tem olhos, de face tão embrulhada como a de certos ladrões aposentados dos nossos dias. O todo da paisagem é no gosto (diz-se) de A. Van Dyck; o que apresenta de mais notavel é um bacorinho de côr grisalha, bastante nedio, aspirando o aroma do bagaço á sombra do tronco do castanheiro que o Christo contempla enternecido. A parte humana do quadro é de Velasquez, chefe da escola de pintura de Sevilha, pelo vigor do colorido com que traçou o perfil das filhas de Ismel, quando sairam da Villa de Arenas no tempo de Filippe II de Castella e não no de Isabel a Catholica, como pretende A. Herculano, com direcção a Portugal. Era um quadro que, na opinião de E. Castellar, valia um milhão de pesetas; diz-se que o G. Junqueiro mandou por elle ainda em dezembro de 1886 1:500$000 réis, sendo certo que o sr. F. Deusdado em 1891-1892, quando presidente da camara de Bragança, seu irmão o commendador do mesmo nome mandou offerecer por elle, com o fim de fazer presente ao museu de Vienna de Austria, 6:373$956 réis em moeda d'aquelle paiz, afóra um convite de 1:375$000 réis que fazia ao municipio de Bragança com applicação exclusiva a obras de canalisação das aguas da cidade, além do agio das libras, correspondente a esta ultima quantia.

Veja, pois, v. que perda se deu com o desapparecimento d'aquello objecto.—*J. V. C.*

— Não são só os funccionarios publicos encarregados da guarda de dinheiros do Estado, que prevaricam. A lepra affecta todas as classes. Agora até o thesoureiro da associação dos sapateiros desappareceu com um alcance de 300$000 reis. Este ao menos foi mais modesto porque levou pouco.

— Começou hontem no governo civil a inspecção sanitaria a todas as pessoas que chegam do estrangeiro.

— O Banco de Londres, que havia elevado a 5 a taxa do desconto, desceu para 4, e isso é um bom simptoma.

— Falleceu aqui o sr. D. Luiz Gonçalves Zarco da Camara, antigo empregado addido da direcção geral das contribuições, irmão do sr. Conde da Ribeira. Amigo devotado de tão respeitavel cavalheiro, testemunho-lhe aqui, pelo facto, o meu sentimento.

— Os jornaes veem cheios de descripções de prejuizos e de desastres occasionados pela tempestade de hontem. Foi uma coisa como ha muito se não viu.

— No ultimo despacho verificou-se o provimento da egreja do Bunheiro, que é decerto uma das melhores do districto. O provido foi o sr. José Joaquim Ferreira, parocho do Couto de Cucujães.

— Sóbe o valor das libras, cujo agio é hoje de 1$300 réis. Y.

NOTICIARIO

Marquez de Penalva.—Como tivesse sahido com alguns erros o artigo que a proposito da morte d'este titular publicamos no numero passado, reproduzimol-o hoje.

Notas da carteira.—Partiu de Anadia para a Figueira da Foz, o nosso presado amigo e collega do *Correio da Tarde*. sr. A. Vilhena.

— Projectam ir para a Figueira no fim d'esta semana as ex.mas sr.as D. Julia e D. Henriqueta Seabra de Castro, gentilissimas filhas do sr. conselheiro José Luciciano de Castro.

— Está em Aveiro com sua ex.ma esposa, o sr. dr. Macedo Sottomayor, delegado do ministerio publico em Coimbra. Suas ex.as são hospedes do sr. dr. Jayme de Lima.

— Estiveram de visita ao sr. conselheiro Luciano de Castro, os srs. arcebispo de Mitylene e deputados, conselheiro Albano de Mello e dr. Barboza de Magalhães.

— Estão actualmente na Figueira *da Foz, onde tencionam demorar-se* alguns dias, os srs. condes de Castro. Suas ex.as já veem das Caldas de Lanhellas, onde estiveram cerca de um mez. Da Figueira regressam á sua casa de Lisboa.

— Esteve ante-hontem em Aveiro o distincto advogado do Porto, sr. dr. João Carlos Freire Themudo Rangel.

— Está mal de saude em Villa do Conde, o nosso respeitavel amigo e illustre estadista, sr. conde de S. Januario. Fazemos os mais ardentes votos pelas suas melhoras.

— Tem passado bastante incommodada, na Costa Nova, com uma bronchite, a sr.a D. Amparo de Vilhena Pereira da Cruz, virtuosa esposa do nosso presado amigo e illustrado medico, sr. dr. Pereira da Cruz. Fazemos ardentes votos pelas melhoras de s. ex.a.

Apenas justo. — Parece que o sr. ministro das obras publicas resolveu reparar a grave injustiça de preterir os mais habeis e mais necessitados empregados telegrapho-postaes nas nomeações para fazerem serviço nas estações balneares. Diz-se que vão ser nomeados para essas commissões todos os que requereram instruindo os seus requerimentos com attestados medicos de que precisam banhos do mar. E' apenas justo, e portanto de esperar que se faça.

O pharol da barra.—O pharol da barra d'esta cidade deve começar a funccionar no dia 15 de outubro proximo. E' o que está determinado. E' de luz de rotação, mostrando grupos de quatro clarões brancos, separados por eclipses de um e meio segundos. O seu alcance é de vinte milhas. O apparelho é dioptrico de primeira ordem e tem sector de 180°, illuminando todo o horisonte maritimo. A torre é de alvenaria, secção circular, pintada em faxas horisontaes brancas e vermelhas e encimadas pela lanterna na altitude de 60m. Junto ao pharol existe um signal sonoro, systema Holms, para funccionar em casos de nevoeiro.

Mau tempo.—As previsões de Noherlesoom tiveram entre nós verdadeira realidade. Desde quarta-feira ultima, que o tempo tem sido d'uma severidade pouco propria da estação que atravessamos, havendo por mais pontos do paiz, grandes temporaes, que causaram innumeros estragos.

Aqui, a tarde e a noite de quinta-feira foram medonhamente assustadoras. Pouco antes do meio dia, começou a ouvir-se ao longe uma trovoada respeitavel, que pelas 8 da noite se desencadeou com intensidade sobre nós, ferindo-se a batalha dos elementos tanto ao norte como ao sul, tanto ao poente como ao occidente. Faiscava de todos os lados, parecendo que estavamos entre o fogo intensissimo d'uma larga circumferencia incendiada, soffocando a athemosphera, que quasi se não podia respirar. O ar trazia as impregnações do enxofre n'uns leves sopros do Nordeste quente e abafado, e a chuva, que foi pouquissima, não transformava o ambiente. Só muito depois das 10 horas começou a serenar, fazendo se depois uma noite agradavel, em que fulgiam scintillantes as estrellas, n'um fundo azul de noites estivaes.

Pelas 2 horas da madrugada, porém, foi a cidade accordada pelo barulho infrene do granizo, que cahia com uma furia e um pezo nunca vistos, nas vidraças e claras-boias, quebrando-as, arrancando beiraes e innundando as habitações, despedaçando arvores e cavando funda a vaga na ria, engrossando prodigiosamente a corrente e alterando o mar, que embraveceu. Uma nova trovoada, que crescia para o poente, deixou pelos logares proximos largos vestigios da sua passagem, pois que por ahi cahiram muitas faiscas, que, felizmente, não causaram desgraças pessoaes, mas simples prejuizos materiaes, de pequena monta. Houve casas em que as innundações foram grandes e muitos os vidros de janellas e claras-boias partidos. A tormenta durou pouco mais d'uma hora, mas durante ella não houve quem não tivesse verdadeiro susto. O caso não era, realmente, para menos. Temos visto muitas trovoadas, mas nunca vimos cahir tanta agua junta, em tão grossas e pezadas bategas, nem granizo de tal tamanho. De manhã, muitos telhados, algumas ruas e varios quintaes da cidade, estavam ainda pejados de granizo. N'este tempo, é raro e talvez unico.

Hontem, pelas 5 horas da tarde, atravessou a cidade nova trovoada, mais violenta ainda do que a da vespora, e mais desastresa tambem. Todo o vastissimo espaço que d'um dos mais elevados pontos da cidade se pode ver, se toldou n'um momento, tomando a côr lugubre dos dias de grande tempestade ou d'essas temerosas revoluções athmosphericas, que não passam sem deixar vestigios da sua passagem. E assim foi, porque perto das 6 horas uma faisca, attrahida talvez pela linha telephonica que vae da repartição de fazenda districtal á agencia do Banco de Portugal, e que atravessa a egreja da Misericordia, cahiu sobre a cruz que encima este edificio pelo lado da rua da Corredoura, deslocando-a immediatamente, fendendo a aboboda da capella-mór, quebrando a cimalha, e partindo uma vidraça grande, que, ao cahir, ia apanhando uma *pobre servente* do hospital. O trovão foi medonho. Nunca ouvimos outro egual. Nas immediações, homens, mulheres e creanças, vieram gritando para a rua. Muita gente cahiu por terra. Até quasi á noite, a atmosphera continuou carregada, aliviando apenas muito depois. A noite, escura e pezada, passou sem incidente. O dia de hoje appareceu melhor, mas d'um aspecto triste. Parece prometter mais. Oxalá, porém, que nos enganemos, porque isto é prejudicial a tudo. E' ver o que succede em muitos pontos do paiz. De alguns d'elles, temos as seguintes noticias:

O nosso correspondente de Coimbra diz-nos d'alli, em data de hontem:

Campeão—Aveiro.

O cyclone de hontem ao fim da tarde causou aqui perdas importantissimas. As ruas de toda a cidade foram completamente inundadas; nas da baixa subiu a agua a um metro de altura. Mobilias perdidas, estragos sem conta; gritos do soccorro! Foi um verdadeiro diluvio. N'algumas ruas as calçadas foram levantadas, indo as pedras na corrente. A igreja de Santa Cruz, innundada. Morreu uma creança. Tudo andava espavorido. As ruas hoje estão cobertas de lodo de um palmo d'altura. Fóra da cidade ha muros derribados e muitos terrenos obstruidos.

Um collega nosso d'alli, diz no seu n.º de hontem o seguinte:

«Hontem, depois das 5 horas da tarde, cahiu sobre esta cidade uma tempestade de pedra e chuva, como não ha memoria em Coimbra. Quem estivesse na Praça 8 de Maio e olhasse para a rua do mercado de D. Pedro V, julgaria que o Mondego em grande enchente, tinha mudado de direcção. A tempestade revolveu e arrastou as calçadas juntando-se em frente da Camara uma montanha de terra e barro. Ha prejuizos em muitas partes, e a noite não foi bastante para tirar a agua das casas da rua Direita, Moeda, Louça e outras. Não sabemos se os arrabaldes d'esta cidade foram como nós atormentados. Felizmente não consta que morresse alguem. Os prejuizos causados pelas chuvas de hontem, de que até agora temos conhecimento, são os seguintes:

Rua do Corvo, em casa do sr. Antonio Marques da Silva, loja de mercearia, são calculados os prejuizos em 60$000 réis.

Loja de mercearia do sr. Antonio José da Costa, 70$000 réis.

Loja de mercearia do sr. Antonio Augusto dos Santos, 100$000 réis.

Na Praça do Commercio, rebentou um cano n'uma loja contigua á mercearia do sr. Francisco Simões da Silva Junior, que destruindo as paredes da casa em que este sr. tinha a mercearia, causou-lhe prejuizo superior a 200$000 réis.

Na rua do Quebra Costas, n'uma casa do sr. dr. Henrique de Figueiredo, a força da agua foi tal, que atirou com uma das paredes a terra, sobterrando os modestos moveis e roupas de duas pobres raparigas, uma tal Agripina e irmã que habitavam os baixos da casa. Uma parte dos moveis e roupas sairam depois na enchorrada.

Na casa de encadernação do sr. Alberto Vianna, a agua destruiu-lhe libros e roupas, pastas etc., no valor de 200$000 réis. Este teve de pedir roupas para vestir, pois que todas as que tinha dentro do estabelecimento ficaram damnificadas.

O granizo era tão grande, que as clara-boias de muitos predios ficaram em estilhaços, produzindo a chuva uma verdadeira innundação dentro das casas. Algumas houve em que a agua, entrando pelos telhados, vinha sair á rua com uma impetuosidade enorme!

Em Santa Cruz rebentaram os canos, innundando a egreja.

Pelas differentes ruas foi grande o numero de canos arruinados, o que impediu o transito por muito tempo.

Na Praça do Commercio, no acreditado estabelecimento do sr. José Antonio Lucas, foram os prejuizos calculados aproximadamente em 900$000.

Ha, infelizmente, muitos outros prejuizos a lamentar, mas de que não temos ainda conhecimento.

A' hora em que o nosso jornal entra no prelo, 4 da tarde, a trovoada continua sobre Coimbra.

Que ella se affaste o mais depressa possivel para não termos que lamentar novos desastres.»

No Bussaco uma faisca partiu os dois braços da Cruz Alta, no monte.

Caminho de ferro americano.—Consta que um cavalheiro de Lisboa, emprezario de uma companhia estrangeira de construcções ferro-viarias, pensa em estabelecer aqui uma linha de ferro americana, para o que pediu já o auxilio da camara municipal, que decerto lh'o prestará. Apoiamos a ideia, com que a companhia lucrará, e fazemos votos por que ella se realise.

Ataque.—Uma pobre mulher que por ahi vagueava todos os dias, ora pedindo, ora dizendo immoralidades, e que fazia porisso as delicias do rapazio, de nome Maria Tornozella, foi hoje acommetida n'uma das ruas da cidade, por um ataque de paralizia, sendo pela policia conduzida ao hospital.

Trabalho de pesca.—O resto da semana foi de trabalho sem interrupção. A pesca é que não foi certa. *Companha houve que fez 400$000* réis n'um dia, e outras que não fizeram nada. No geral das costas pouco houve e tanto que a sardinha manteve no mercado um preço alto—o de 3$000 réis o milheiro.

Instrumentos de electricidade.—Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio que, na respectiva secção, publicamos hoje sob o titulo que nos serve de epigraphe.

Era d'esperar.—No Douro, tem feito muito mau effeito o pedido para a introducção de vinhos hespanhoes. Sobre todos os males que pairam actualmente sobre os nossos viticultores, vem mais esse da introducção de vinhos hespanhoes no nosso paiz. Só a ameaça é de fazer tremer.

De envolta com este mal, vem o de não terem os negociantes de vinhos do Porto, tanto portuguezes como inglezes, feito compras de vinho do Douro, estando alli para vender toda a novidade d'este anno.

Sobre isto acabamos de receber d'alli o seguinte telegramma:

REGOA, 14, ás 7,40 da tarde.—Causou impressão o pedido para a introducção dos vinhos hespanhoes. Os lavradores vão representar protestando por todas as formas. As casas inglezas compram pouco, ficando quasi todo o vinho para consumo.

Despachos ecclesiasticos.—Foram apresentados os seguintes presbyteros:

José Monteiro Valerio de Sousa, na egreja de S. Salvador de Panoias.

José Joaquim Ferreira, na de S. Matheus do Bunheiro.

Acceita a renuncia aos presbyteros: Joaquim Monteiro de Carvalho, da egreja de S. Matheus, do Brunheiro; Domingos Charnel Fernandes Nogueira, da egreja de Santa Catharina, das Caldas da Rainha.

Historia lugubre. — O crime de Oliveira do Bairro, praticado em 28 de julho. Podemos saber emfim a historia d'este nefando attentado. E' a seguinte:

Foi no dia 28 de julho ás 8 horas da manhã, que a familia de Rosa Maria de Jesus, por alcunha a *Lombinha*, teve noticia do assassinato, porque mora em Perrães e o crime foi praticado em Oliveira do Bairro, n'uma casa da victima contigua á estrada, proximo da capella do Senhor dos Afflictos. O movel do crime foi o roubo. Chegada a familia da assassinada ao local, telegraphou ao integerrimo e zeloso juiz de direito d'Anadia, visto as auctoridades locaes não terem providenciado, abandono notado por o meretissimo juiz. Sua ex.ª incumbiu o escrivão do julgado d'Oliveira de proceder ás necessarias averiguações; effectuou logo a prizão d'uma mulher visinha da victima por alcunha a *Vinagreira*, sobre quem recahiam profundas suspeitas, visto esta estar pronunciada pelo crime de espancamento feito na victima, havia pouco tempo, tendo-lhe atirado com pedras, das quaes uma lhe acertou n'um braço, resultando contusões de que trazia o braço ao peito quando foi assassinada; depois de capturada foi conduzida a casa da victima, para se conhecer se o rasto que havia no soalho, de pés ensanguentados, eram d'ella, conclusão que se não póde apurar; no entanto chamada segunda vez, depois de estar presa na cadeia d'Anadia, pelo referido escrivão do julgado, para se proceder a novas averiguações, foi levada a casa da victima e concluiu que algumas das pégadas eram d'ella.

Alem dos factos acima mencionados, recaem graves suspeitas de cumplicidade no crime, motivadas pelo seu irregular comportamento; goza de fama de desordeira a ponto de n'um logar distante alguns kilometros, os visinhos para a pórem de lá fóra, partiram-lhe o telhado e nem assim saiu; foi necessario o dono da casa mandar-lhe tirar as portas, saindo então, indo habitar n'uma casa proximo da victima.

Dias antes de ser commetido o assassinato a *Vinagreira* disséra que a havia de matar, declaração que a victima tinha feito ao cocheiro Pila, que trabalha de Agueda para Oliveira. Esta prizão foi feita pelos cabos de policia, mas vendo o encarregado das averiguações que com tal gente nada podia fazer, requisitou a policia d'Aveiro. Chegada esta tratou logo de vêr se descobria o assassino fazendo algumas prizões, entre estas a de Joaquim Palhão e no dia immediato um moço de 18 annos, por alcunha o *Grillo*, que são os criminosos mais importantes d'este drama sanguinario.

Joaquim Palhão, desde que foi o assassinato, não voltou a trabalhar pelo officio de canastreiro, que é a sua profissão; só andava passeiando pela frente da casa da victima observando o que se dizia e fazia, demorando-se por momentos junto da capella do Senhor dos Afflictos, d'onde melhor observava tudo que se passava dentro da casa da assassinada, notando-se-lhe a phisionomia alterada pelo remorso.

No dia do enterro, acompanhou-o revestido de opa, ao cemiterio, mas sendo-lhe notado o modo esquisito com que se achava, desfarçou e desappareceu convencendo os circumstantes da suspeita que havia, de ser este o criminoso. Este procedimento chegou ao conhecimento da autoridade instauradora do processo que o mandou capturar no dia immediato ao enterro. Conduzido á sua habitação ahi lhe foi feita uma minuciosa busca que a principio não deu resultado, mas depois de algumas pesquizas feitas pelo escrivão, este encontrou uma podôa do officio, onde se achavam algumas manchas de sangue. Levado a casa da victima nada lhe poderam fazer confessar, e como mais nada se pudésse apurar foi conduzido á cadeia d'Oliveira. No dia immediato foi procurado pela policia o *Grillo*, que fugiu logo que desconfiou que se tratava de o apanhar, fuga que de nada lhe serviu pois que logo foi capturado. Em casa da victima foi-lhe ordenado que se descalçasse e logo dentro d'um sapato lhe foram encontradas manchas de sangue e sendo mandado collocar os pés sobre as manchas que existiam no sobrado, declarou serem d'elle, mas que as outras que egualmente alli haviam, que não eram d'elle, e sendo instado para declarar de quem eram, recusou-se dizendo que não sabia, e bem assim quem era o assassino; porém o referido escrivão lembrou se de lhe apresentar o podão de canastreiro, ao que o *Grillo* respondeu, sem excitação, ser propriedade do Joaquim Palhão e que tinha sido o instrumento com que o Palhão tinha assassinado Rosa Maria de Jesus e que não tinha duvida alguma a tal respeito visto ser o mesmo podão que o Palhão lhe tinha entregado logo depois de commetter o assassinato. Em vista de tal declaração, o escrivão instou com o *Grillo* para declarar tudo que a tal respeito sabia, visto dar mostras de ter presenciado toda a scena sanguinea. Então o *Grilo* declarou ter entrado com o Palhão na casa da victima, entrando elle pela porta da frente e para onde ella estava voltada, e o Palhão pela porta trazeira; apanhando a victima de surpreza deu-lhe dois golpes no pescoço, um de cada lado, prostrando-a immediatamente. Em seguida o Palhão disse ao *Grillo* que fechasse a porta e janellas, o que elle fez, mas observou-lhe que estavam 3 homens na estrada, ao que o Palhão respondeu:—*d'esses não tenhas receio.* Esta declaração leva a crer haver mais cumplices no crime. Depois de fechadas as portas e janellas dirigiu-se o Palhão para o quarto de dormir, ordenando ao *Grillo* que arrombasse uma gaveta para o que lhe deu um martello; arrombada a gaveta viu dentro d'ella notas de differentes valores que o Palhão guardou, assim como o dinheiro em metal e joias que havia no quarto e dando ao *Grillo* um cartuxo mandou-o embora, o que elle fez. Passados minutos ainda ouviu que o chamavam, mas não voltou; verificando o conthendo do cartuxo notou haver dentro 180 reis em cobre.

Devido ás explicações do *Grillo* foi que se descobriu o criminoso; pena foi não ter visto e reconhecido quem eram os tres meliantes que estavam na estrada. Leva-nos a fazer esta descripção minuciosa de tão nefando crime não a falta de zello e actividade das auctoridades no descobrimento da verdade e formação do competente auto de corpo de delicto, mas o desejo que temos de que todo o publico conheça as minuciosidades d'este crime, esperando do competente tribunal que faça justiça, applicando aos heroes d'elle, todo o rigor da lei.

Um descuido com o petroleo.—Em Gandara, logar do concelho de Louzã, n'uma das ultimas noites da semana passada, estava uma pobre mulher deitando petroleo n'um candieiro e por descuido a chamma communicou-lhe fogo ao vestido. A infeliz, querendo apagal o, fez movimentos desordenados, tombando n'essa occasião a almotolia de barro que continha o petroleo, e entornando por si o resto do liquido. N'um instante a desgraçada viu-se envolta em chammas, e querendo evitar que os filhos que tinha junto de si fossem tambem attingidos pelo fogo, fugiu rapidamente para a ruá, ateiando assim o fogo. Muitas pessoas tentaram soccorrer a pobre mulher, mas nenhuma se lembrou de abafar as chammas com um cobertor ou um panno qualquer. Afinal acudiu um homem, que, lançando sobre a pobre mãe um cantaro d'agua, dominou o fogo. A desgraçada, que ficou n'um estado horrendo, falleceu passadas 24 horas no meio das maiores afflicções, deixando 3 creanças na orphandade.

Nova povoação rural.—Já está feita a planta das construcções que vão abrigar duzentas familias na herdade do Poceirão, do sr. José Maria dos Santos. O processo do senhorio consistirá em fazer arrendamentos successivos, por preço modico e invariavel. O arrendamento será obrigatorio para o senhorio; e o capital para a sua cultura, irão os colonos buscal-o ás propriedades proximas, onde o mesmo lavrador lhes pagará semanalmente o producto do seu trabalho. Cada courella abrange seis hectares, e agua encontra-se alli, a pequena profundidade. Apenas a noticia appareceu nos jornaes, surgiram desde logo os pedidos de arrendamento, e conta-se com que esses pedidos excedam muito o numero das habitações.

Devastação!—Dizem de Ponta da Barca, que as serras da freguezia de Lindoso e as circumvisinhas do Couço, de Funtão e Secco e por baixo do Real estão ardendo desde o dia 28 de agosto. O fogo, que tem attingido proporções assustadoras, lavra, n'um perimetro de 5 leguas, e é para receiar que se vá alastrando cada vez mais. Os prejuizos são já muito importantes, porque não só teem ardido as pastagens dos gados, como tambem algumas vinhas e searas. Diz-se que o fogo foi posto no logar de Parada, d'aquella freguezia.

Desabamento de uma sala. — Na estação do caminho de ferro de Avila succedeu no sabbado o seguinte desastre: Estavam os passageiros na sala de espera aguardando a hora da chegada do comboyo, quando a sala desabou em parte, produzindo-se a natural confusão. Dos passageiros ficaram sete feridos e um d'elles bastante grave. Parece que o edificio da estação está em completo estado de ruina.

Os portuguezes na California. — Inaugurou-se ha dias em Trece Port, na California, uma nova egreja portugueza. O acto foi celebrado por uma grande festa, orando n'ella o reverendo clerigo portuguez, sr. G. Gloria.

O estado da California.—Recebemos noticias de S. Francisco, capital da California. Atravessa-se lá uma crise monetaria peor do que aqui. Teem quebrado muitos bancos, e anda quasi tudo sem trabalho. O negocio das ovelhas, que era a que se entregavam os açorianos, tem desgraçado este anno muita gente, por causa das grandes seccas que tem havido. Os ultimos emigrantes idos dos Açores, andam por lá sem fazerem nada, suspirando pelas suas ilhas. Causa dó vel-os a olhar para o mar, alguns com as lagrimas nos olhos, chorando os torrões onde nasceram. Isto dá-se na California, no paiz do ouro, onde o clima é explendido, e onde d'antes se arranjavam fortunas. N'outros pontos da America, os emigrantes são desimados pelas febres, e muitos morrem de fome. Ponham n'isto os olhos aquelles que levados pelos conselhos dos *engajadores* tentam abandonar a mãe patria.

Nova molestia nas vinhas. — Descobriu-se no Tessin, mais uma nova praga destruidora das vinhas e das arvores de fructo. E' um parasita de feitio e habitos similhantes aos da aranha, mas que se reproduz rapida e numerosamente. Invade as folhas da vide e das arvores, come-lhe o parenchyma, produzindo assim a sua morte. Tem-se experimentado diversos meios para combater esse terrivel parasita, que tão grandes estragos está causando, mas ainda se não poude descobrir o agente para o destruir completamente.

A esquadra brazileira.—Compõe-se dos seguintes vasos:

Couraçados—«Solimoés», «Javary», «Lima», «Barros», «Silvado», «Bahia Tamandaré», «Barroso», «Cabral», «Colombo», «Herval», «Mariz e Barros», «Brazil», «Sete de Setembro», e outros de moderna construcção.

Monitores — «Alagoas», «Ceará Piauhy», «Rio Grande» e «Santa Catarina».

Canhoneiras—«Traripe», «Principe do Grão-Pará», «Parnahyba», «Ipiranga», «Araguary», «Forte de Coimbra», e «Pedro Affonso».

Corvetas — «Vital de Oliveira», «Paraense», «Nictheroy», «Trajano», «Magó», e «Republica».

Canhoneiras de rodas—«Henrique Martins», «Filippe Caramão», «Fernandes Vieira», Henrique Dias», «Taguary», «Vital de Negreiros» e «Greenhalg».

Transportes—«Amazonas», (fragata) «Apa», «Braconnot», «Moema», «Antonio João», «Lamego» e «Corumba».

A esquadra tem alem d'isso dez barcos auxiliares e outros ultimamente construidos, como o «Aquidaban».

Ha na marinha brazileira 14 officiaes-generaes, 34 officiaes, 73 medicos, 17 capellães, 88 contadores, 185 machinistas, 2:695 marinheiros, 286 praças do batalhão naval e 1:229 alumnos.

A esquadra de torpedeiros é de recente construcção, e o numero total de canhões anda por 200.

Novos couraçados inglezes.—O governo inglez vae fazer construir dois enormes couraçados, um nos estaleiros de Portsmouth, o *Majestic*, e o outro em Chatam, o *Magnificent*. Estes dois couraçados deverão exceder em tonelagem os maiores navios de guerra actualmente existentes. Terão uma lotação de 14:900 toneladas, mais 1:700 que o *Royal Sovereign*, e como principal armamento 4 canhões de 30 centimetros collocados em duas torres blindadas, uma á proa e outra á ré; e 12 outros canhões de tiro rapido. Quanto á velocidade está fixada em 17 1|2 nós, o que nada tem de extraordinario. Como se vê o almirantado inglez não renuncia aos grandes couraçados, apesar de tão enormes navios custarem grandes sommas.

Piratas chinezes.—Segundo participam de Londres, um bando de piratas chinezes apoderou-se de um navio em que ia o proprio consul do celeste imperio, em Penang. Os piratas mataram 24 pessoas que se achavam a bordo e roubaram dinheiro e outros objectos no valor de 20:000$.

A expedição Nansen. — Mais algumas noticias da expedição Nansen ao polo norte. Dissemos já que o *Fram*, o navio que conduz a expedição Nansen, deixára Vardo a 21 de julho pela manhã, a fim de continuar o seu roteiro na direcção da ponta meridional da Nova Zembla. Durante quatro dias a expedição viu-se rodeada de densos nevoeiros, e a 27 chegou pela primeira vez á vista dos gelos, nas proximidades do estreito de Jogor. Havia alli um banco de gelo com cerca de 31|2 kilometros de largura, que pôde evitar. No dia seguinte, novos bancos e o nevoeiro obrigaram o *Fram* a uma immobilidade completa. Depois o navio começou a cortar os gelos do estreito com o melhor exito, graças aos novos apparelhos imaginados por Nansen para transpôr aquelles obstaculos da região arctica, e a expedição pôde facilmente afastar do seu caminho blocos de gelo com o peso de 100 a 110 toneladas. Em Chabarowa a expedição encontrou um dos agentes de Nansen que desde janeiro tratára de procurar cães da Siberia para o transporte dos trenós. O agente conseguiu reunir 34 cães, que foram embarcados a bordo do *Fram*.

No ultimo dia de julho Nansen fez nos arredores de Chabarowa observações geologicas e descobriu fosseis preciosos. No dia 3 de agosto a expedição dirigiu-se para o mar de Kara, e no dia 6 foi vista pelos samoyedes, navegando do lado de Norsk, entre os gelos e a terra firme.

Os exploradores do polo norte. — Entrou ultimamente em S. João da Terra Nova o navio *Falcon*, que conduziu a expedição do tenente Peary á Groenlandia. Quanto á expedição, composta de 34 pessoas, desembarcou em Bowdoinbay, ao norte da Groenlandia, onde estabeleceu os seus arraiaes de inverno, tendo viveres para dezoito mezes. Os esquimós da bahia Smith, interrogados pelos chefes da expedição, não déram informação alguma sobre a sorte do professor Verhoef, que se perdeu na precedente expedição do tenente Peary e que se julga ter morrido.

O psalterio de S. Luiz. — O duque de Aumale que, como se sabe, legou ao Instituto de França o seu castello e dominio de Chantilly, ainda não cessou de augmentar a importancia das suas collecções que tantas riquezas artisticas encerram. Ultimamente adquiriu o psalterio em que S. Luiz, rei de França, seguia os officios religiosos. Este psalterio ha duzentos annos que pertencia á familia do conde de Avaux, que o cedeu agora ao duque de Aumale.

Na Africa do Sul.—Dizem da cidade do Cabo para o *Times* que de pois de terminada a sessão parlamentar Cecil Rhodes irá a Machona. O governo do Transvaal publicou um decreto, prohibindo o recrutamento de voluntarios no Transvaal para prestarem serviço em Machona, em vista de haver probabilidades de guerra entre os matabeles e a Companhia da Africa do Sul.

Lucta com um leão. — No jardim de acclimação de Madrid, deu-se uma lucta singular entre um domador e um leão. Havia no jardim bastante gente que andava vendo e admirando uma collecção de feras alli em exposição. O domador Malleu fez sahir de uma para outra jaula um magnifico leão de seis annos, terrivel e sempre de má catadura, a fim de realisar alguns exercicios. Mas, apenas o leão sentiu a primeira chicotada, arremetteu furioso contra o domador. Este defendeu-se com verdadeiro sangue frio, gritando para o publico horrorisado:

— Nada de susto, não é nada!

Effectivamente o domador conseguiu sujeitar o leão e fechal-o na jaula. Da lucta, porém, resultou ficar com seis feridas de consideração nos braços e nas pernas, que foram logo curadas por alguns medicos que se achavam presentes.

A exposição de Chicago. — Um correspondente, referindo-se ás visitas da exposição de Chicago, diz que as entradas em maio renderam 189:006$660, em junho 481:520$340, em julho 497:027$340 e em agosto até ao dia 26 525:215$500. A média dos visitantes anda por 180:000 ou 200:000 com as entradas gratuitas, o que faz a média das entradas na exposição de Paris de 1889, e que era de 180:000 por dia.

A' vista do augmento das receitas a direcção da exposição de Chicago já tem pago diversas obrigações emittidas e conta reembolsar os accionistas e pagar todas as dividas, se a média das entradas continuar a ser a mesma.

Imposto sobre o amor.—Proteccionistas furiosos americanos do norte tiveram agora a extravagente idéa de crear direitos protetores sobre o amor, afim de impedir, nos limites do possivel que os corações das loiras *misses yankées* se extraviem fazendo entrega de seu carinho... e dos dollars a estrangeiros.

Um grupo de deputados apresentou ha poucos dias com tal fim na camara estabelecendo sobre a fortuna das americanas que se casem com estrangeiros, um imposto enorme, tanto ou mais que os 33 0|0 que pagam as obras d'arte, á sua entrada nos Estados-Unidos. Ha annos a esta parte a moda entre as raparigas millionarias de New-Yoork, Chicago e S. Francisco é virem á Europa e buscar noivo aqui entre a nobreza. Parece que estes *peixinhos doirados* acham os europeus mais agradaveis e melhor educados do que os *yankées* e sobretudo fascinas a idéa de cobrirem com um titulo a vulgaridade plebeia da sua origem e de ser pela sua belleza, originalidade e dinheiro, rainhas da alta sociedade da velha Europa.

Duas sobrinhas do famoso Vanderbitt, casaram não ha muita ainda com francezes. Uma filha de Astor, casou ou vae casar com um principe italiano. A fortuna de James Gould está ameaçada de soffrer uma formidavel sangria com aboda da filha do rei dos caminhos de ferro, que naturalmente escolherá por esposo um europeu. Os nomes de Vonderbitt, Astor e Gould representam muitas dezenas de milhões.

Ha além d'estas, uma porção de senhoras americanas, não tão ricas, mas possuindo ainda muitas centenas de contos, que, matrimoniadas com estrangeiros aristocratas, brilham hoje na primeira fila no Rotten Ror, no Bois de Bologne, e no Corso, pois Londres, Paris e Roma são tres capitaes preferidas pelas raparigas casadoiras dos Estados-Unidos. Claro é que semelhante estado de coisas não podia ser do agrado dos yanhées, que estavam ficando sem as noivas mais apetitosas e sem os dotes mais seductores.

A reflexão de que vão aparentar-se com as familias mais aristocraticas da nobreza do velho mundo e de que as suas primas e irmãs são marquezas em Inglaterra, duquezas em França e princezas na Italia, não os consola. São gente pratica e trataram de procurar um remedio para o mal. Tinham á mão o *bill* Mac Kenlex, e seguindo as doutainas n'elle exaradas, pensaram que a melhor maneira de proteger no amor os americanos consestia em estebelecer um imposto pesadissimo sobre o amor aos estrangeiros. Votada a lei, estão elles confiados que os pretendentes nacionaes poderão sustentar a competencia com tanta probalidade de victoria como os vinhos da California, ou as botas de tres dollars o par.

A crise da prata não deve ser por completo alheia ao exito da propasta. Os auctores d'esta fizeram o calculo do dinheiro que sahe dos Estados-Unidos para occorrer aos agentes das millionarias americanas que se casaram e vivem do outro lado do Atlantico.

A somma não é para desprezar e forma um verdadeiro rio de ouro, correndo constantemente para a Europa. E como agora os americanos do que mais precisam é de ouro, não querem pôr de parte nenhum dos meis que impeça a sua sahida dos Estados-Unidos.

A reforma da orthographia em França. — Como é sabido, a Academia Franceza está tratando de reformar a orthographia da lingua franceza, o que tem dado lugar a diversas criticas e a curiosos pormenores sobre a correcção com que escreviam os mais illustres escriptores contemporaneos da França. Victor Hugo, Charles Nodier, Alfredo Musset, Lamartine, Chateaubriand e até o proprio Thiers eram de uma verdadeira incorrecção orthographica. Citam-se palavras escriptas por elles que, em um exame de instrucção primaria, seriam o bastante para serem unanimemente reprovados. E comtudo aquelles homens eram verdadeiros genios e como taes ainda são hoje considerados.

Nova opera. — Mascagni, segundo affirma um correspondente, está em vesperas de concluir a sua nova opera *Radeliffe*, da qual se diz que possue numeros de musica primorosos. A primeira representação d'esta opera deve verificar-se em Berlim.

Riso que mata. — E' raro acontecer que uma pessoa morra por causa de rir. No emtanto é o que acaba de succeder a um inglez, negociante de conservas em Londres. Estava o homem na loja, quando um freguez contou uma historia graciosa, que excitava o riso ao ultimo ponto. O commerciante de conservas riu a bandeiras despregadas. De repente, porém, cahiu, cessando de rir. Tinha deixado de viver. O medico que fez a autopsia declarou que a morte fôra devida a uma suffocação provocada pelo riso.

Bons companheiros de viagem. — O barão Fircks é um russo que vive em Copenhague, é riquissimo e tem-se tornado notavel pelas suas excentricidades. Quando viaja, gosta de ir acompanhado de um negro, um lobo, dous macacos, um leão domesticado e de uma notavel collecção de passaros dos tropicos. Uma companhia bem singular e que mostra o caracter excentrico do barão.

Os tumultos de Bombaim. — Lord Harris, governador de Bombaim, está persuadido de que os tumultos occorridos n'aquella cidade, são devidos em parte a pamphletos incendiarios, profusamente espalhados por entre o povo. D'estes pamphletos foram apprehendidos cerca de 4:000 exemplares, e alguns jornaes da India ingleza, alludindo a estas publicações violentas, receiam que occasionem outras desordens muito mais graves que as de Bombaim. Parece que os pamphletos são distribuidos pelos membros da Liga indiana. O governador de Bombaim já declarou que faria processar os auctores e distribuidores dos pamphletos como criminosos contra a segurança do Estado.

Origem do opio.—O opio é o succo da papoila branca. A palavra opio vem do grego, d'uma outra que significa succo por excellencia, porque, em certos casos, produz effeitos admiraveis.

Segundo as ficções mithologicas, foi a deusa Céres que deu a conhecer aos gregos as virtudes do opio. Homero falla nos seus versos d'um succo quasi divino, e não se póde duvidar que, o népenthés com que o grande poeta diz acalmar os pezares dos homens, era o o opio.

Entre os historiadores da antiguidade, Polybio e Herodoto mencionam-no e as suas obras não deixam duvida alguma ácerca do uso que d'elle se fazia antes d'elles. A planta que produz o opio é originaria do oriente; cultiva-se outr'ora na India e na Persia unicamente. Transportada para a Europa, acabou por aclimar-se um pouco em toda a parte.

Foi o celsbre naturalista Tournefort o primeiro que no fim do seculo XVII trouxe do Levante para a França a papoila branca. Para extrahir o opio fazem-se incisões horisontaes nas capsulas ou cabeças da papoila ainda não maduras. Sahe d'estas incisões um liquido branco que engrossa sob a forma de lagrimas, a principio amarello claras, depois mais escuras, á proporção que a planta vae amadurecendo; em seguida deposita-se este liquido n'um almofariz e mechê-se até que tenha adquirido consistencia.

Em Inglatera, em França e em quasi toda a Europa, não se emprega o opio senão como medicamento; é, porém, frequentemente usado na Turquia e na India, onde se emprega para fumar e mastigar. Os musulmanos servem-se d'elle para provocar a imbriaguez, excitar a coragem, exaltar a imaginação e produzir no espitito ideas risonhas e voluptuosas.

O paiz em que o opio existe em maior quantidade é a China, sem a menor duvida, apesar do rigor das leis que prohibem usal-o, encarregando-se o contrabando de satisfazer o mais querido vicio dos habitantes do Celeste imperio.

Perseguido d'um porto para o outro, d'uma cidade para outra cidade, de Wampoha para Cantão, de Cantão para Macau, apprehendido em toda a parte pela policia chineza, o opio achou afinal um refugio na pequena bahia de Sintin, onde os contrabandistas iam buscal-o aos navios europeus, nas barbas da policia aduaneira e sob a artilheria d'uma força naval, algumas vezes imponente.

Hoje os consumidores entregam-se mais facilmente ao prazer da sua paixão favorita, que é incontestavelmente uma das principaes causas do enervamento na enorme população da China e quiçá o motivo principal que os impede de attingir o desenvolvimento que a moderna civilisação tem levado a todos os povos do mundo.

Antes de fumarem o opio ou de o mastigarem, os chinezes preparam-no; assim fervem no no estado bruto, as materias resinosas destacam-se e d'este modo obteem um producto sem mistura, cujo perfume é delicioso. Para o fumar, accendem uma pequena bolla collocada em um grande cachimbo de madeira com alguma materia combustivel, o fumador aspira quatro ou cinco fumaças, em seguida deita-se e Africa-dona-se a sonhos que lhe dão agradaveis sensações. O opio mais apreciado é o que vem do Levante, principalmente de Constantinopla ou de Smyrna. O que se cultiva na India, na Persia, na Italia, em França e na Africa, é muito menos procurado no commercio, sendo no entanto considerado como melhor, o que vem da Africa Oriental.

O absintho.—Alguns amadores de absintho sustentavam que a essencia d'elle é quasi inoffensiva, e que os terriveis accessos e estragos observados nos bebedores de absintho provinham do alcoolismo. O dr. Laborde acaba de esclarecer a questão provando que a essencia de absintho, completamente livre de toda e qualquer falsificação, determina, produz verdadeiras convulsões epilepticas, ao passo que a essencia de anis, que tambem entra na preparação do licor de absintho, é relativamente inoffensiva. Alem da bebida do absintho em si ser prejudicialissima á saude, dá-se ainda um outro mal, para o qual o jornal que temos presente, chama a attenção dos leitores. Esse mal provem de que, para satisfazer os amadores de absintho, que apreciam muito o que turva francamente a agua e lhe communica uma côr esverdeada, os fabricantes não hesitam em falsificar o absintho, que põem á venda com drogas, como o acetato de chumbo, o acetato de cobre, que muito prejudicam a saude dos bebedores. Dizem a isso que, se estes não de morrer mais cedo bebendo absintho que satisfaça a todas as exigencias da vista, turvando a agua e dando-lhe uma côr esverdeada. Essa côr esverdeada tambem pode ser obtida com o emprego de uma infusão de folhas de espinafres ou de ortigas por meio do espirito de vinho.

ASSUMPTO HISTORICO

CONFLICTO ENTRE OS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE E O REGIMENTO DE MILICIAS DE COIMBRA, EM 25 DE MARÇO DE 1801.

Quando Napoleão Bonaparte era primeiro consul em França, queria obrigar Portugal a separar-se da alliança da Inglaterra; e como não havia conseguido a sua pretensão por meios diplomaticos, tratou de empregar a força, servindo-se para esse fim da independencia em que d'elle se havia collocado o celebre ministro hespanhol, Manuel Godoy, principe da Paz, e fez com que os nespanhoes nos violentassem primeiro com as ameaças, e ultimente com a guerra declarada. O que se exigia de Portugal póde ver-se do tratado assignado em 29 de Janeiro do 1801, da parte da França por Luciano Bonaparte, e da Hespanha por D. Pedro Cevalhos.

No artigo 2.º d'aquelle tratado se estipulava:—«Se sua magestade fidelissima quer fazer a paz, ficará obrigado: 1.º, a abandonar inteiramente a alliança de Inglaterra; 2.º, a abrir por conseguinte os seus portos aos navios da Hespanha e da França, e a fechal-os aos de Inglaterra; 3.º, a entregar a sua magestade catholica uma, ou varias das suas provincias, que perfaçam a quarta parte da povoação de seus estados da Europa, para que sirvam de garantia á restituição da Trindade, de Mahon e de Malta; 4.º, a indemnisar além d'isso os subditos de sua magestade catholica dos damnos por elles soffridos, e a fixar definitivamente os seus limites com a Hespanha; 5.º, emfim a indemnisar a França conforme aos pedidos que se indicarem pelo seu plenipotenciario ao tempo das negociações».

Na hypothese esperada do governo portuguez resistir a estas inauditas exigencias, se concordava pelo artigo 5.º do tratado, que logo que Portugal fosse *conquistado*, e reunido á Hespanha *como provincia*, ficaria obrigado o monarcha catholico a fazer com que Portugal satisfizesse ao que se pretendia por parte da França. E tinha o rei de Hespanha, Carlos IV, a semcerimonia de declarar no preambulo do tratado, referindo-se a Portugal, o seguinte:—«Não me retirarei do combate, *sem que* **esta provincia** *volte á posse do throno que occupo*».

Em 6 de fevereiro do mesmo anno o duque de Frias, embaixador hespanhol em Lisboa, apresentou um *ultimatum* ao governo portuguez, ameaçando Portugal com a guerra. Pouco depois se foram aproximando forças hespanholas ás fronteiras de Portugal; e só a provincia do Alemtejo era ameaçada por 54:800 homens, commandados em chefe por Manoel Godoy.

---

148 **FOLHETIM**

PEREZ ESCRICH

OS CRENTES

TRADUCÇÃO

XVI PARTE

O SEGUNDO AMOR

VI

MORTE DA MARQUEZA DE RAS

Entretanto, os dias da marqueza de Ras chegavam ao seu fim; porém conservando um resto d'aquelle espirito varonil, dissera á sua familia:

— Deixem-me morrer na minha poltrona... não quero a cama.

De maneira que Beatriz, no dia em que estamos, estava no seu gabinete, sentada como sempre na sua cadeira de braços. Seria meia noite. As descarnadas mãos da marqueza oppriniam um grosseiro rosario. De vez em quando levava á bocca uma cruz de madeira, onde estava pregado um Christo de prata. Resava com os olhos elevados ao ceo: pensava em Deus: implorava a sua clemencia.

Na mesma casa estavam tres pessoas: Maria, Carlos de Zurbaran e o coronel Medrano. Todos respeitavam o religioso silencio da marqueza.

A morte tem uma solemnidade que suffoca; bate perante ella o coração, comprime-se o espirito, porém a lingua emmudece. De vez em quando, os descorados labios da doente se entreabriam para murmurar uma phrase inintelligivel. Depois os olhos, quasi sem brilho, giravam com precipitação nas orbitas, como se procurassem algum objecto.

— Isto está a acabar, meus amigos—disse a marqueza—espero a morte com resignação. Deus receberá a minha alma. Deus julgará as minhas culpas que tem sido muitas.

O coronel Medrano aproximou-se da cadeira onde estava a sua moribunda esposa, e pegando-lhe n'uma das mãos, disse-lhe:

— Os medicos, minha querida, não são d'essa opinião.

— Para que perder a confiança? Ainda és muita nova, minha mãe—observou Maria.

Beatriz agitou melancolicamente a cabeça em signal de duvida e replicou:

— Os medicos nada podem contra os decretos irrevogaveis de Deus, cuja mão está estendida sobre a minha existencia... Morrerei esta noite... não duvidem... morrerei esta noite... Sinto-o, vejo-o, seio positivamente. O frio da morte não se equivoca com outro qualquer! Apalpa-me a testa. Ah!... se podesses tocar-me o coração!

Ha situações em que as palavras não são mais que ruidos, não convencem: a eloquencia do homem mais sabio seria inutil.

Mas ha casos em que se chora e não se falla. A situação em que estamos era uma d'estas.

Beatriz ia morrer: bastava vel-a para o affirmar. Todas as feições do seu rosto tomavam esse caracter que imprime a rigidez da morte.

Beatriz, com a cabeça reclinada nas costas da poltrona, os olhos fechados e a respiração quasi extincta, parecia um cadaver. Dissera-se que não existia, se de vez em quando o peito se lhe não agitasse para dar saida a um suspiro, ou os olhos se não abrissem para dirigir um terno olhar aos que a rodeavam. Uma vez indireitou-se, e fitando a vista em seu marido, disse-lhe:

— Luiz, supponho que o negocio de Angela David ficou concluido.

— Ficou; recebeu hontem as notas do Banco.

— Quanto?

— Passa de um milhão.

— Louvado seja Deus! pois que permittiu que se cumprisse a derradeira vontade do meu cumplice, de Santhiago Doblas.

— Cumpriu-se sim, e vou dar-te uma novidade.

— Qual?

— Que Angela e o coronel Carlos Perales vão casar-se em breves dias.

Beatriz pôz as mãos e replicou:

— Deus os faça felizes, pois são dignos de o ser.

Continuou resando.

Seguiu-se um silencio sepulchral.

A' uma hora da noite entrou o padre que devia ajudal-a a bem morrer.

A marqueza fez um signal, mostrando que desejava ficar a sós com o sacerdote. Sairam todos, conservando o mesmo silencio que reinava no quarto da moribunda. Por fim abriu-se a porta e apresentou-se a grave figura do religioso.

— A sr.ª marqueza — disse com pausado accento—cumpriu os deveres da religião; restam-lhe poucos momentos de vida e deseja dedical-os á sua familia. Podem entrar.

Entraram todos. Poude então ver-se um grupo doloroso. A marqueza permanecia immovel na sua poltrona.

O coronel, com a barba branca, o nobre semblante apoiado n'um dos braços da cadeira, contemplava com dolorosa expressão a moribunda.

Em pé, a seu lado, via-se o joven poeta Carlos de Zurbaran, e ajoelhado aos pés da marqueza, com a cabeça inclinada, estava a formosa Maria.

No ultimo plano, a figura do sacerdote que acabára de ouvir a confissão da enferma.

Todos os olhos estavam cheios de lagrimas, todos os labios cerrados, todos os pensamentos afastados da terra e fixos no ceu. Porque, atravez da triste expressão de um moribundo, parece que se entrevê a eternidade!

. . . . . .

. . . . . .

A marqueza de Ras, a altiva corteză, a nobre e orgulhosa aristocrata, cujo caracter impetuoso nada tinha respeitado, morreu sem soltar um gemido, nem uma palavra.

A sua morte foi a de uma santa, ou, pelo menos, a de uma mulher virtuosa verdadeiramente arrependida de suas culpas. Deus tem decerto, para estas almas, abertas as portas do paraizo. Angela sentiu muito separar-se de Raphael, e convidou-o para que os acompanhasse; porém Raphael calculou com muita prudencia que, entre dois recemcasados, o unico terceiro que não enfada é o amor, ser invisivel que tudo embeleza. Os esposos partiram. A Suissa foi o paiz escolhido e para alli se dirigiram. Só poderemos dizer, para terminar, que Carlos e Angela, habitaram por tres mezes as margens de um lago, n'uma casinha muito pittoresca, esquecendo-se de todo o mundo. Finalmente um dia lembraram-se da Hespanha e Carlos propôz a Angela voltar á patria. Angela não sabia negar coisa alguma a seu esposo e pouco depois, no começo do verão, Adra os viu entrar uma tarde, com grande regosijo de muitos dos seus habitantes. Ficaram em Adra, onde os deixaremos. Nada mais temos a dizer d'este venturoso par. Só faremos a seguinte advertencia: Antonia, a mãe de Carlos Perales, achou a sua nora muito mais formosa, muito mais boa, muito mais carinhosa do que lh'o haviam dito.

Antonia estava contentissima; Angela era um verdadeiro anjo da terra, no seu sorriso via-se a bondade, no olhar a ternura, na fronte a ingenuidade, essa pura aureola da alma, esse perfume do coração.

Carlos era completamente feliz.

D. Raymundo esfregava as mãos de contentamento; para aquelle bondoso velho, o maior dos prazeres resumia-se a vêr augmentar a familia.

— Oh! —exclamava elle—antes de finar-me, terei o gosto de reunir vinte pessoas á mesa nos dias de festa... isto alegra-me, remoça-me e dá-me ventura: quem sabe se chegarei a ser o patriarcha de Adra!

Pobre D. Raymundo! A felicidade dos que o cercavam fazia a sua, porque tinha a alma nobre, porque a sua indole não podia mostrar-se indifferente á ventura alheia. Antonia, pela sua parte, não cessava de exaltar as virtudes de sua nora. Rosa, sympathisando com Angela, dava-lhe o terno nome de irmã, e o conde da Rambla dava os parabens ao seu querido Carlos. José e Agueda tambem estavam contentissimos. Porém, para que deternos em detalhar a sua felicidade? A nossa penna não acharia de certo as verdadeiras côres que são precisas para um tão difficil quadro. Terminaremos, pois que nos aguardam outros acontecimentos. E como na época em que traçâmos estas linhas nada de particular acontecera á familia de D. Raymundo, só diremos que vivia feliz e contente em Adra, recordando de vez em quando, principalmente nos serões de inverno, alguns dos episodios da sua vida de marinheiro, ou algumas das aventuras succedidas nas suas longas viagens. Deus queira conservar a existencia do velho maritimo. Os seus oitenta e seis annos tinham a frescura da primavera. Era um velho sádio, robusto e com o coração de menino. N'uma palavra, era um homem feliz. E merecia-o.

(*Continua.*)

Emquanto assim se preparava a Hespanha, o exercito portuguez estava quasi sem organisação, e a Inglaterra por quem nos sacrificavamos, não nos prestava soccorro algum.

Era commandante em chefe do exercito portuguez o marechal general, duque de Lafões, já na edade de 82 annos, e sem ter as qualidades exigidas para um cargo de tanta responsabilidade; ao que accrescia a total inepcia dos ministros portuguezes.

Para commandar as forças do Alemtejo foi nomeado o tenente general João Forbes Skellater; para Traz-os-Montes o tenente general marquez de la Rosière; e para a Beira o general marquez de Alorna, D. Pedro d'Almeida.

No dia 20 de maio de 1801 começaram os hespanhoes as suas operações no Alemtejo, e no mesmo dia se lhes renderam cobardemente as praças de Olivença e Juromenha. Resistiram Elvas e Campo Maior; mas esta mesma ultima praça tambem por fim se lhes entregou.

O desastre do exercito portuguez em Arronches obrigou-o a retirar-se para o Gavião; e por outro desastre na Flôr da Rosa teve de se retirar para Abrantes. Achando-se assim aberto o interior de Portugal aos inimigos, tratou-se da paz a todo o custo, e para isso dirigiu-se o ministro do reino Luiz Pinto de Sousa Coutinho, a Badajoz, e ahi assignou de accordo com Manuel Godoy um tratado com a Hespanha em 6 de junho; e outro no mesmo dia com a França, por intermedio de Luciano Bonaparte. Apesar da dureza das estipulações a que Portugal teve de se sujeitar nesses tratados, não quiz Napoleão Bonaparte ratificar o que tinha assignado seu irmão Luciano; vendo-se por fim o governo portuguez obrigado a subscrever ainda a mais violentas condições, pelo tratado de Madrid, de 29 de setembro do mesmo anno de 1801, assignado por Cypriano Leite Freire, pela parte de Portugal, e por Luciano Bonaparte pela da França.

Bastará dizer, que entre outras muito onerosas condições a que Portugal teve de condescender, se obrigou a dar á França 20 milhões de libras tornezas em dinheiro, joias, ou effeitos e valores de commercio, isto é, 8 milhões de cruzados; e fóra das estipulações do tratado, teve de dar mais 5 milhões de libras tornezas a pessoas influentes que concorreram para se fazer a paz com a França, cabendo só a Luciano Bonaparte a dadiva de 2 milhões de libras tornezas! Era este o primeiro acto de uma guerra, que se havia ainda de repetir em mais tres invasões, nos annos de 1807, 1809 e 1810.

*

Antes da Hespanha principiar a guerra com Portugal mandou o governo portuguez aproximar alguns corpos de tropas ás nossas fronteiras do Alemtejo, Beira e Traz os Montes. Entre outros corpos de linha e milicias que se dirigiram para a praça de Almeida, coube essa sorte ao regimento de milicias de Coimbra, que em ordem de marcha se formou em parada no Rocio de Santa Clara, no dia 25 de março de 1801, em força de 690 praças. A esta revista foi assistir grande parte da academia, que nesse anno era numerosa, pois que se compunha de 1:648 estudantes da Universidade e Collegio das Artes.

As milicias de Coimbra constavam não só de habitantes d'esta cidade, mas de muitas outras povoações, em que se incluia quasi toda a Bairrada. Via-se bem que o terem os milicianos de abandonar as suas casas e marchar para Almeida era uma grande violencia que se lhes fazia, pelos prejuisos e incommodos que isso lhes causava. A essas circumstancias veiu accrescer o insolente procedimento dos estudantes, que aproximando-se dos milicianos, e introduzindo-se até por entre as suas fileiras, os começaram a provocar por todos os modos e a metter a ridiculo, chegando mesmo entre outros excessos a derrubar de proposito algumas das armas que elles tinham ensarilhadas. Os milicianos foram soffrendo em quanto poderam; mas por fim, o capitão da 1.ª companhia, Francisco Pinheiro, da Pocariça, a quem de todo faltou a paciencia, dá a voz de sentido á sua companhia, e manda calar bayoneta e carregar sobre os provocadores. A este movimento fugiu rapidamente toda a multidão dos estudantes em direcção á rua das Parreiras e pela estrada da Varzea. Aqui deixava um a batina, outro o gorro, e alguns ficaram feridos; um dos quaes foi um frade do collegio de Santa Rita, vulgo dos Grilos, que veiu a morrer dos ferimentos depois de ser conduzido para a cidade.

A' noute, como os milicianos foram aboletados pelas casas, espalhou-se a maior parte da academia pelas ruas da cidade, a fim de se vingarem d'elles, havendo varios conflictos e ferimentos, e insultos ás portas das casas onde se achavam aboletados. A indisposição de ambas as partes era tão grande, que se receiava que no dia immediato, 26 de março, em que o regimento de milicias tinha de ir para Almeida, os estudantes fossem esperar o regimento ao sair da cidade, á Ladeira da Forca, e houvesse ahi grande desordem. O regimento saiu por isso com as armas carregadas; mas os estudantes não appareceram. A valentia dos estudantes só se tinha manifestado nos insultos aos desprevenidos milicianos no Rocio de Santa Clara, na vespera 25 de março, e ainda mais nos insultos aos mesmos milicianos pelas ruas da cidade, na occasião em que elles se achavam isoladamente aboletados. Quando, porém, o regimento saia prevenido para fóra da cidade, em marcha para Almeida, os estudantes, apesar de serem mais do dobro dos milicianos, não se atreveram a sairlhes ao encontro, porque viam bem a esvera lição que haviam de levar, em paga do seu atrevimento e má educação.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

ASSUMPTO AGRICOLA

Em verdade o dizemos: é arrojo da nossa parte mettermos foice em ceara alheia, porque sômos um curioso e não temos habilitações que nos recommendem. O nosso procedimento, porém, deve merecer benevolencia, porque trabalhamos em favor da nossa terra e o nosso fim é infundir o gosto pelo desenvolvimento da plantação de arvores fructiferas, de cujo producto póde formar-se uma industria importante que trará ao nosso concelho copiosas fontes de receita e grandes prosperidades para todos. Esforçar-nos-hemos por vulgarisar algumas regras e preceitos mais geraes a que algum estudo e experiencia nos tem servido de guia. A' falta de livros manuaes de facil comprehensão ao alcance de todas as bolsas, que em França são profusamente espalhados e em que o povo lê e aprende, vamos nós tentar divulgar algumas luzes pelos nossos cultivadores e curiosos que d'ellas precisem. Damos o que têmos e nada mais podemos fazer. Desculpem os nossos leitores não fallarmos hoje de frades, de finanças ou de politiquices, e perdoem-nos esta tremenda massada que lhes irá talvez roubar um precioso tempo que, em leituras mais amenas, poderia ser melhor aproveitado.

Vimos já em um artigo anterior que, no estrangeiro, se fazem mudanças rapidas de umas culturas para outras que dão melhores interesses. Não pódem certamente fazer se estas transformações por completo entre nós, nem isto talvez convenha, porque não podemos dispensar as que possuimos, mas comecemos por alguns productos que nos offerecem mais prompta venda e segura recompensa do nosso trabalho, e substituamos algumas plantações por outras que nos são mais proveitosas e uteis. Vamos de vagar para chegarmos depressa.

A industria fructifera póde e deve sem difficuldade desenvolver-se em pouco tempo entre nós, attendendo a todas as circunstancias favoraveis que a natureza nos proporciona para um prospero e auspicioso futuro, que não devemos desprezar. Temos o clima, o sôlo e os mercados e só nos resta fazer um pequeno esforço. Para nos pormos ao abrigo d'essas crises agricolas que se vão alastrando por toda a parte, parece-nos de urgente necessidade estudar com attenção este meio que se nos offerece e que parece estar indicado para que não nos toque pela porta tão grande calamidade. Deligenciemos tirar da terra o maximo proveito que um desleixo criminoso e um descuido imperdoavel nos tem feito desperdiçar até agora.

Condemnados á misera cultura de pobrissimo centeio temos visto magnificas encostas, que poderiam dar preciosas arvores de fructo, que, sem duvida, remunerariam muito mais vantajosamente os capitaes empregados. Ficam, realmente, muitas vezes, estes terrenos longe da vista dos seus proprietarios, mas para que os gulosos não logrem satisfazer o appetite, poderemos proveitosamente substituir a plantação do centeio por arvores de fructo que, pela especie, não são muito de cubiçar. O limoeiro, por exemplo, está n'estes casos. A sua cultura tem tomado bastante incremento e os seus fructos são tão procurados para exportação, que a producção está longe de satisfazer os pedidos. Não é raro, diz o distincto agronomo e abasilado professor d'agricultura sr. Alexandre de Figueiredo, verem-se limoeiros produzir 4 e 5 mil limões! O seu rendimento é por isso elevadissimo. A larangeira azeda nas mesmas condições e emprega-se em muitos usos economicos e medicinaes e em bebidas refrigerantes resiste ao frio e a todas as enfermidades e serve para *cavallos* para enxertia de outras especies e variedades delicadas. Rodeando as extremas ou nos combros vemos por toda a parte carvalhos rachiticos ou salgueiros estereis embrulhados em enredados silvados, sevir de vedação ás propriedades. A familiar amora silvestre retribuiria um pouco de intelligente cultivo por bagas polpudas cheias de um succo valoroso, de que se faz o arrobe, geleia e doce, mas despresemos por agora os seus fructos e aproveitemos nos dos seus espinhos como auxiliar da nossa defeza. A oliveira deve substituir desdejá todas essas outras arvores que nada produzem, porque, além de não ser exigente, vive e fructifica em todos os terrenos, mesmos os mais ingratos e os seus frutos são um bom e rendoso producto, não só para a casa do pobre, mas desenjoativo do rico, e é dos seus fructos que se extrae o precioso oleo de reconhecida utilidade e aplicação. Multiplica-se e reproduz-se a oliveira por semente, mergulhia, estaca e enxerto. Forma-se, porem muito mais rapidamente e fructifica mais cedo por meio de estacas, que se plantam em viveiro á distancia de 40 centimetros. A estaca pequena produz arvore mais regular e duradoura e deve escolher se para este fim ramos de 2 a 3 centimetros de diametro e 25 a 30 de comprido. No fim de 3 ou 4 annos, havendo cuidado na póda, terá o cultivador cuidadoso oliveras sufficientes para substitur todas as arvores improductivas que hoje rodeam, sem proveito algum, as suas propriedades.

Todo o pequeno e grande cultivador deve destinar algum espaço na sua herdade á formação de um viveiro ou reproducção de arvores fructiferas cujo producto lhe possa ser util e dar fartura á sua bolsa e com pequeno dispendio de trabalho conseguirá em breve tempo ter uma boa collecção d'aquellas arvores. O meio mais simples é o de sementeira e de reproducção por estacaria, que se póde fazer pelo mesmo modo que se faz a de oliveiras, como fica dito, com pequenas modificações. Pódem reproduzir-se por estacas a larangeira, a cidreira, a romanzeira, a macieira, o marmeleiro, a grozelheira, o framboezeiro, a figueiraa, etc., e por semente, o pecegueiro, a tangerineira, a amendoeira, a nogueira, o damasqueiro, o alperxeiro, a ameixoeira, a cerejeira, a aveleira, o castanheiro, a azinheira, a alfarrobeira, a amoreira, a nespereira, o melão, a melancia e o morangueiro, podendo este multiplicar-se tambem por mergulhia dos braços que produz junto ao pé.

Tendo-se um bom viveiro facilmente se obtem garfos de boas e excellentes qualidades por algum amador.

A fructa bem sazonada e sobretudo propria da estação é um alimento saudavel, que favorece a digestão, e não faz mal algum ao estomago, quando este está bem disposto, e em alguns casos de doença, é de um alto valor therapeutico. As faltas de acido no organismo, a atonia do figado e dos rins e a predisposição para febres e erupções cutaneas, são muitas vezes attenuadas com o uso moderado de alguns fructos comidos sob um regimen nutritivo mas não estimulante.

Repetimos: o nosso fim, o nosso maior desejo e ambição consistem em prestarmos aos nossos patricios e conterraneos os serviços e o producto da nossa experiencia e do nosso trabalho. N'estes nossos artigos, mesquinhos na forma e defecientes no fundo, não temos outro objectivo senão o de fazer prosperar e engrandecer a nossa terra, tão enfraquecida pelas luctas de uma politica arrevesada e tão despresada pelos que mais deviam cuidar dos seus interesses e dos seus melhoramentos.

O PERIGO DO GELO

De um dos numeros do *Diario Popular* que se publicara no fim do anno passado, trancrevemos o artigo seguinte por ter opportunidade e ser realmente exata a sua doutrina:

Ninguem, com boa senso, bebe de uma agua que seja impura e que seja suspeita. E comtudo toda a gente toma sorvetes e bebidas nevadas, deita gelo na agua e no vinho, sem indagar que agua produziu esse gelo, e sem pensar sequer que aquelle crystal brilhante que tão deliciosamente lhe arrefece o Collares ou o Champagne, póde conter a morte, ou pelo menos a doença, dentro de sua maravilhosa e candida transparencia.

Os parisienses foram talvez os primeiros a desconfiar de seu gelo;—e esta questão é hoje em França mais estudada e mais importante que a questão do anarchismo ou do anti-semitismo. Nem todos com effeito soffrem com a revolução social e nem todos padecem com o facto, aliás lamentavel de terem os srs. Rothchilds mais de um milhão de francos por dia. Mas todos teem sede, todos sentem a delicia de beber gelado, e todos podem morrer d'esse prazer divino.

Ha microbios no gelo? Eis a questão, a nova questão.

E tendo tido a opportunidade de conversar ultimamente com o illustre chimico Riche (que nestes ultimos annos particularmente se occupou d'esta questão) um jornalista interrogou-o sobre os perigos que póde apresentar o consumo do gelo alimentar.

Eis o que disse o eminente sabio.

«Ha uma velha opinião publica que considera o frio tão purificado como o fogo. Nada mais errado, como factos numerosos e repetidas experiencias hoje provam. Ainda não se esqueceu no mundo scientifico, a epidemia terrivel, que teve origem na absorpção de gelo preparado com agua d'um poço infectado.

Em 1875 o grande hygienista Jaime Cardier, chamado a examinar o gelo usada em Rye Beache, no territorio de Nova York, depois de uma grave epidemia de diarrhéa que, dadas as excellentes condições da cidade não podia attribuir-se a outra cousa senão á contaminação do gelo, reconheceu que as aguas do lago Onondaga onde era fabricado esse gelo, estavam contaminadas. A epedemia cessou com a abstenção do uso do gelo.

E' todavia, exato que certos bacillos não resistem á congeleção, que desapparecem totalmente ao cabo de alguns dias; mas outros, e não menos perigosos, supportam facilmente as mais baixos temperaturas. O microbio de carbunculo, por exemplo, supporta até 40,0 abaixo de zero. O bacillo da febre typhoide resiste tambem com grande energia.

Em experiencias feitas recentemente, verificou-se que depois de 103 dias de congelação d'uma agua contaminada, havia ainda 7:000 bacterios vivos por centimetro cubico d'agua.

Em outro occasião contaram-se 72:300 bacillos depois de 77 dias de congelação! As alternativas de congelação e de fusão essas, sim, são fataes ao microbio. Assim n'uma agua gelada, e fundida e depois regelada por vezes, não haveria um unico bacterio. O gelo natural comtém sempre microbios, cujo numero, apesar de variavel, é em media de muitos milhares.

Só o gelo obtido com agua distillada é mais ou menos puro. N'esse encontram em geral mais de dois a quatro microbios por centimetro cubico de agua distillada. E ás vezes não se encontra um unico d'esses monstros minusculos. De sorte que o gelo empregado no commercio para a conservação dos generos alimenticios e sobretudo para refrescar as bebidas, ou prevenha do processo natural de congelação ou seja preparado artificialmente, não deve ter a sua origem senão em aguas cujo estado de pureza equivalha ao das melhores aguas de fonte. Justamente quando eu me occupava mais d'esta questão, escrevi ao sr. Pasteur pedindo-lhe a sua opinião, e aqui está a reposta, em resumo do illustre sabio «toda e qualquer agua impropria para a bebida o é egualmente para preparar gelo para a alimentação. Os microbios pathogenios resistem quasi todos a temperaturas baixissimas.» Já se vê pois (accrescentou o sr. Riche que a questão do emprego do gelo destinado á alimentação, é da maior importancia no ponto de vista hygienico, hoje que o seu uso está tão generalisado. E' necessario, se se tratar de gelo natural, que seja recolhido com cuidados convenientes, de uma agua propria para a alimentação; e, se se trata de gelo artificial, que seja fabricado com sérias precauções, empregando-se agua distillada, fervida, ou de boa qualidade.

—Mas então, dissémos nós, vae nos ser vedado, com esse terrivel calor beber o nosso vinho frio?

—Não, respondeu o illustre chimico. (E' este o conselho que se deve tomar); Sómente em logar de deitar o gelo dentro do copo—deve-se metter a garrafa dentro do gelo. E com esta simples precaução, não ha perigo de continuar *la forte loie de boire frais* como dizia o bom Rabelais.

SECÇÃO LITTERARIA

PRANTOS

Tristes suspiros que minha Alma solta,
Voai, voai...
O meu Sonho d'Amor fugiu... não volta...
Como esperança que ri, fenece e cai
Do Esquecimento na treva revolta...
Voai, voai
Tristes suspiros que minha Alma solta...

Das minhas Illusões já nada resta,
Tudo acabou...
Pode sorrir a Natureza em festa
Que o peito meu que a Dor amortalhou
Só chorar sabe a Sorte tão funesta...
Tudo acabou,
Das minhas Illusões já nada resta...

Como as notas chorosas do violão
Soltas no Ar,
Fugiram do meu pobre coração
As venturas do meu fantaziar,
As esperanças de celica paixão
Soltas no Ar
Como as notas chorosas do violão...

O' suaves chimeras que eu sonhei,
Vindo outra vez!...
Trazei-me essa creança que adorei,
A que o meu coração rasgou, desfez,
Essa A quem eu minha Alma confiei...
Vindo outra vez,
O' suaves chimeras que eu sonhei!...

Saudosos prantos que meus olhos choram,
Caí, caí...
Lenitivo das dores que me devoram,
Raio d'Amor que aos desgraçados ri,
Bençãos de Deus aos pobres que as imploram...
Caí, caí...
Saudosos prantos que meus olhos choram...

Roseos Sonhos dos meus ditosos dias,
Não mais, não mais...
O cortejo das minhas Fantazias,
Dos meus bellos Desejos ideaes
Perdeu-se alem com as minhas Alegrias...
Não mais, não mais,
Roseos Sonhos dos meus ditosos dias...

Tristes suspiros que minha Alma solta,
Voai, voai...
O meu Sonho d'Amor fugiu... não volta...
Como esperança que ri, fenece e cai
Do Esquecimento na treva revolta...
Voai, voai,
Tristes suspiros que minha Alma solta...

Aveiro—Setembro—93.

Elizio de Lima.

O SEGREDO

Ninguem desconhecia o segredo da velhice precoce do duque. Todos a sabiam filha da sua enorme paixão pela gentil marqueza de Lara, com quem fôra casado um anno apenas e que morrera, deixando-lhe a interessante futura duqueza, a linda Clotilde, salva quasi milagrosamente do parto fatal para sua mãe.

A vida do duque, desde esse dia, fôra uma continua saudade, que se alimentava, revendo na filha, feição por feição, dom por dom, a bella marqueza. Foi n'um baile que elle a viu, admirára e amára loucamente. N'esse baile, vestia ella um riquissimo costume de castellã. Mais tarde, o duque pedira-lhe a graça de se deixar retratar assim. Era pois o retrato da marqueza o que pendia no gabinete de trabalho, e deante do qual, como um namorado, o duque passava horas de saudoso e suave enlevo, emquanto a pequenina filha lhe subia ao collo, para o beijar, ou o enredava com mil perguntas infantis, fazendo-o acalentar as suas bonecas, puchar os seus pequenos carros, armar-lhe os seus castellos de papellão da Allemanha, introduzindo-o na vida do seu pequeno mundo, pueril, innocentemente ideal.

O duque repartia por estes dois affectos a sua vida inteira de viuvo. Nada para elle, mais ideal do que sua filha; nada mais saudoso, santo e adoravel do que o retrato que pendia ha vinte annos, como uma lagrima de sangue, no silencio do seu gabinete.

Clotilde completára vinte annos. N'esse anno o duque quiz que o seu baile excedesse todos os passados. Exigira o costume, facultando a mascara. De que te vestes, tu Clotilde?

E' um segredo meu. Peço-lhe que m'o permitta, sim?

Um segredo d'estado, incommunicavel? disse-lhe o duque beijando-a. Nunca pretendeu desvendal-o.

O baile do duque, o mais aristocratico da capital, tocára o maximo da animação. As ondas de luz corriam pelos collos núa das brancas patricias, cheios de palpitações lascivas. As valsas succediam-se, e os olhares das convidadas mergulhavam nas ondulações lacteas dos peitos tepidos e aromaticos das mulheres abraçadas. Os vinhos velhos e generosos começavam a excitar os nervos; as conversas multiplicavam-se, os bons ditos succediam-se, os amores adulteros expandiam-se na liberdade das mascaras, escondendo a hora das entrevistas nas phrases do galanteio, debaixo das notas que a orchestra espalhava pelas largas portas dos salões ducaes. As flôres exoticas ladeavam as escadas largas, de moguo, por onde um formigueiro humano perpassava. Estatuas brancas, de marmore, sylphides, nymphas, levantavam as suas fórmas typicas, os seus bellos corpos de voluptuosas hyperboles, por entre a folhagem triangular das heras. Nos intervallos das suas largas janellas, no centro dos salões, em pinhas phantasticas, dobravam-se as folhas esguias das palmeiras, sobre as corôas rubas de enormes camelias, envolvidas nos matizes variegados das folhas das orchideas, que se estampavam como largas manchas iriadas, nas abertas nympheas, semelhando finissimas ventarolas chinezas de leite congulado. Ornavam os magnificos cabellos das aristocratas os diamantes do novo mundo, e colibris de ouro finissimo, estrellejantes de pedras, enroscaram-se-lhes nos pulsos na languidez da volupia satisfeita. Nas casacas negras dos convidados brilhavam as insignias. As faxas de diversas côres, os fardamentos dourados dos cortezãos, as côres vivas dos antigos costumes fidalgos, punham n'este meio perfumado e fino que se movia, a nota, viva, dissidente, alegre. Por toda a parte dezenas de grupos, agitavam-se. Os addidos das embaixadas valsavam loucamente, os litteratos falavam de escandalos, os diplomatas, os grandes alfaiates, cerziam o direito e o mundo.

Seriam onze horas e o duque não vira ainda Clotilde.

Como deve vir bella pela demora! dizia elle para si com um riso de pae desvanecido. Pouco esperou. Da sala contigua adiantava-se para elle uma esbelta figura de castellã. O duque enamorou-a e teve como que um deslumbramente! Immovel, os olhos fixos, empallidecendo, viu-a aproximar-se-lhe sem poder ir-lhe ao encontro, fascinado!

— E's tu, Clotilde? disse, e quedou-se a olhal-a... recuou um passo, tremulo, desorientado... bella surpresa, bella ideia! murmurava.

Não me acha bella assim?

— Oh! mil vezes bella, minha filha; e o seu olhar tinha todos os cambientes do olhar do allucinado. Clotilde curvou-se n'uma engraçada mesura, e altiva, radiante, seguiu além.

E' que vinha realmente formosa, de uma formosura cruel para o duque, por que copiára servilmente o retrato da mãe o que junto á sua extrema semelhança, absolutamente a identificava com ella. O oval purissimo, infantil, do rosto, era levemente sombreado pelas largas abas curvas de um chapeu negro como as azas de um corvo encimado por uma enorme pluma branca, que se vergava descendo pelas costas. O cabello basto, louro, finissimo entremostrava-se apinhado por sob a aba esquerda que se elevava, sustida por uma oval de perolas. Um corpete de setim negro, engastando os peitos, de uma brancura lactea, fazia lembrar uma grande taça de agatha onde se lançassem dois enormes sorvetes. No collo nú abraçava-se um largo collar de ouro, aos lozangos, no centro dos quaes se engastavam os topazios e as languidas opalas. Dos hombros, abrindo-se como a folha d'um lyrio, um cabeção enorme, tufado, elevava-se alcançando as pequeninas orelhas e patenteando, na origem, a meia curva dos hombros tumidos e redondos. A manga larga, ovoide, deixava admirar a branca esculptura do seu braço primorosamente traçado; e o vestido azul, de largas ramagens de ouro, liso, occultando na frente uma comprida bolsa, ricamente bordada, cahia languidodos seus graciosos quadris, sobre os pequenos chapins braucos apenas visiveis.

Revivera absolutamente a tela immovel. A marqueza de Lara, resuscitando, apparecia-lhe alli, vinte annos depois de morta, na belleza ideal que o fascinara.

Foi se atraz d'ella, pelos salões, como havia vinte annos fizera, louco, enamorado atraz d'aquella illusão, perdido n'aquelle sonho.

N'uma das salas, um rapaz esbelto, um cavalleiro do seculo XII, offereceu gentilmente o braço a Clotilde.

Ella acceitou. O seu olhar exprimia o mais limpido prazer, e a sua bocca sorria, ouvindo n'aquelle enlevo ideal de namorados as phrases do gentil cavalleiro.

Caminharam assim. O duque tremera. Parecera-lhe que removéra vinte annos e que um outro homem, rapaz, novo, gentil, fallava de amor com a marqueza de Lara. Uma onda de raiva lhe passou pelo cerebro e deu um pesso para o par, como se fosse aniquilal-o. Depois, serenando, reflexionou que a marqueza morrera e que aquella mulher gentil, amada e amante, era simplesmente sua filha. Apoderou-se d'elle uma tristeza profunda, e o ciume do amor de pae feria o de chofre. Olhou-os por algum tempo, allucinado e... ao vel-os sumirem-se, compoz o semblante, atravessou a chusma dos convidados e fechou-se no gabinete.

Cahiu no sophá, pallido, abatido, olhando o retrato da duqueza, cuja brancura idial resaltava no fundo negro da tela como uma camelia branca nos cabellos negros d'uma hespanhola.

PARA PROTEGER A EPIDERME CONTRA as influencias perniciosas da atmosphera, para conservar ou dar ao rosto frescura, mocidade e macieza é indispensavel adoptar para a toilete diaria

O CREME SIMON

preparado com glacerina, e a sua acção efficaz e benefica é tão rapida e tão evidente, que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça immediatamente as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, rua Grange-Batelierè, Paris.

COMPRAM-SE

NA livraria Mesquita Pimentel, 67, rua de D. Pedro, 69, Porto, as seguintes obras, completas ou truncadas, sendo por preços rasoaveis: *Portugal antigo e moderno*, *Anno Christão*, *Esplendores da Fé*, por Moigno; *Diccionario popular*, *Minho Pittoresco*, *Cerco do Porto*, *Diccionario Contemporaneo*, de Caldas Aulette; *Diccionario francez*, de Domingos d'Azevedo, e emfim todas e quaesquer outras, antigas e modernas, nacionaes ou estrangeiras.

Na mesma livraria Mesquita Pimentel, tambem se encontram por preços convidativos todos os livros em geral e especialmente obras de grande preço.

Qualquer livro estrangeiro que lhe seja encommendado e que porventura não tenha no seu estabelecimento, é fornecido no praso de 7 dias, pois tem excellentes correspondentes nas principaes cidades da Europa, sendo o unico representante em Portugal de muitas livrarias estrangeiras.

ras ha tempo sufficiente para um delegado escrever um officio, e para um governador civil cassar algumas licenças.

Manes dos inquisidores do sancto officio, perdoae-nos; perdoae-nos, veneraveis desembargadores da meza censoria, se em nome da civilisação e do progresso temos amaldiçoado a vossa existencia! O vosso regimen era um regimen de paz e tolerancia, comparado com esto que depois da censura previa estabelece as multas e as prisões.

O caso é serio. Se a lei quiz comprehender o jornal, é de um absurdo revoltante; a imprensa jornalistica não pódé existir n'este caso. Se a regra que estabeleceo é só para o pamphleto, existe ainda, embora seja em menor escalla a censura previa. E a carta, e a, rasão, e tudo condemna tal systema.

Mas se a censura apparece encapotada para os escriptos, mostra-se nua e descarada para as estampas, desenhos e lytographias. As caricaturas do *Burlesco* transtornaram a cabeça do grande homem. Para essas não ha perdão nem piedade. *Sem previa licença do governo expedida pelo ministerio do reino, ninguem póde dar, vender, affixar ou expor em publico estampas que por qualquer modo offendam a Religião do Estado, o Culto divino approvado pela Igreja Catholica, a moral christã, ou os bons costumes; ou que por qualquer modo injuriem ou diffamem os ministros etc.* (*art.* 52).

Appareceu finalmente a idéa religiosa. O culto póde ser atacado por escripto; mas as estampas que o offendam só podem publicar-se com licença do ministro do reino. Os ouvidos toleram a blasphemia; mas os olhos horrorisam-se da indecencia. Porem entendei-o bem—é só d'aquella que não trouxer o sello da secretaria do reino. O ministro sujeitando á sua censura as estampas que offendam a moral e o culto, reservou-se, e lá o diz expressamente no artigo, o direito de as approvar. A nossa hypocrisia, nobre conde de Thomar, é do um cinismo espantoso.

Depois de tanta iguavia, de tanto absurdo, de tanta illegalidade, de tanta miseria não admira que fizesseis uma lei retroactiva; não admira que no celebre *artigo transitorio* avocasseis as causas pendentes ás prescripções da nova lei; não admira que rasgasseis mais o § 2 do art. 145 da carta. Lá está a magnifica algaravia do art. 28 § 3 da proposta para explicar isto tudo. Alli esquecestes que escrevieis sobre a imprensa, e vistes com os *crimes de peita, suborno, peculato e concussão*. Alli confundistes auctor e reo, e fostes *ex-officio* sentar-vos no banco dos accusados.

Tendes sempre o caleche diante dos olhos, e a peito no coração, sr. conde de Thomar! Quereis desmentir a imprensa que vos provocou; querois castigar n'ella a ousadia de vos ter dito e repetido mil vezes que sois um *ladrão publico*. Mas tractais de a manietar primeiro, para depois aceitardes o duello que vos offereceu. O procedimento é nobre, é cavalheiroso, é digno de vós, sr. conde!

E a imprensa ainda vos provoca; a imprensa encara-vos de frente, e não vos receia. A'manhã virão as querellas e as accusações, os commissarios regios e as alçadas omnipotentes, os julgamentos sem garantias, as prisões e as multas, as chicanas e as devassas, as pêas das licenças e dos depozitos, a censura emfim. Mas o dia de hoje é nosso ainda.

A'manhã talvez nos tenhaes já suffocado a voz com as mordaças dos vossos esbirros. Mas hoje em nome da imprensa, em nome da liberdade, em nome de todos os escriptores independentes, em nome do paiz que insultaes com a vossa presença no poder, podemos ainda protestar contra a vossa lei iniqua; podemos ainda estampar aqui o summario da vossa accusação.

Conde de Thomar, sois um concussionario, porque entrastes para o poder pobre, e tendes adquirido uma fortuna immensa por meios torpes e vergonhosos.

Conde de Thomar, sois um traidor, porque vendestes ao paço a causa do povo em 1840; porque vos revoltastes contra a constituição que servieis como ministro em 1842; porque arrastaes agora o throno e a nação a um precipicio certo, e talvez á invasão estrangeira.

Conde de Thomar, sois um despota ignobil, porque calcaes a decencia, as leis, a constituição, e governaes só pela bitola do vosso caprixo,

contos em dinheiro. Pretende-se crear o monopolio da imprensa em favor da riqueza? Não é isto sophismar grosseiramente a liberdade de escrever consignada na constituição? Que liberdade é esta, que só póde ser disfructada por uma classe limitadissima? Que liberdade é esta, que só compete aos que poderem empatar um capital de quatro ou doze contos de réis, e tiverem quatrocentos mil réis de renda liquida?

A imprensa do governo tem á sua disposição os cofres publicos. Os scribas do ministerio podem ser proletarios, porque tem quem preencha por elles as formalidades da lei; tem além disso os subsidios, tem os salarios da sua profissão ignobil, tem os trinta dinheiros, pelos quaes venderam a propria consciencia. Mas a imprensa independente como póde subsistir debaixo de taes condões?

Mas o deposito, dizeis vós, é uma garantia indispensavel, que o Estado exige, para que a multa seja effectivamente paga, quando o jornal venha a ser condemnado. Mentis. Seria essa a unica rasão justificativa de tal exigencia; mas não o é na vossa lei. E sabeis porque? Porque quando o jornal esteja pronunciado, isto é, quando se aproxime a probabilidade de ter de pagar uma multa, não póde continuar sem *novas habilitações e novo deposito*. Assim o escrevestes no art. 40. Assim desmascarastes o meio ignobil, com que pretendeis suffocar a imprensa livre.

Qual é a emproza que possa resistir a este roubo legal e constante? Os commissarios regios não serão difficeis em querellar; os juizes transferiveis não serão sempre escrupulosos em pronunciar. Seria preciso um capital de milhões para fazer face á publicação de um jornal durante um ou dois annos.

Que é isto senão a censura previa indirecta? Mas temos mais ainda. Temol-a expressa, positiva e directa no art. 41. A *suspensão* do jornal condemnado duas vezes em um anno, ou mesmo uma só vez, quando a condemnação seja pelo que a gente da governança chama—provocação á revolta — póde ser *julgada* ou *decretada*. Decretada tambem, sr. conde de Thomar! decretada por um *ukase* vosso! Vêde bem que essas

Encarrega-se d'assignaturas para todos os jornaes estrangeiros, d'encadernações em todos os generos, etc.,etc

Endereço:

LIVRARIA MESQUITA PIMENTEL

PORTO

ANNUNCIOS

ARREMATAÇÃO

DEVE effectuar-se no dia 24 do corrente pelas 10 horas da manhã, a arrematação em hasta publica, dos objectos pertencentes á cocheira da **Viuva José Pinto**, situada na rua da Corredoura, constando do seguinte:

5 Eguas.
7 Apparelhos completos.
2 Char-a-bans.
2 Caleches.
1 Fayton.
1 Carro de duas rodas (Dogcar).
1 Victoria desmontada.

A arrematação tem logar no local acima designado, recebendo-se até lá propostas, para a adjudicação com desconto de 10 °/₀ sendo dirigidas a José Maria de Carvalho Branco.

INSTRUMENTOS DE ELETRICIDADE

COLLOCAM-SE campainhas electricas, botões de chamadas, quadro indicador de chamadas, portavozes, etc.

Observam se e concertam-se, todos os instrumentos eletricos de qualquer systema, tanto em Aveiro como fóra d'esta cidade.

Dirigir carta a Antonio Maria Duarte, estação telegrapho-postal—AVEIRO.

UMA COCHEIRA NO COJO

Trata-se com suas donas em Estarreja.

TYPOGRAPHIA

VENDE-SE uma pequena typographia completa. Na typographia d'este jornal se diz quem está encarregado da venda.

VENDA DE PROPRIEDADES

PARA pagamento de dividas, vendem-se as seguintes propriedades que pertenceram ao fallecido sr. João Maria Garcia:

Uma morada de casas na rua de José Luciano de Castro, n.° 18.

Uma outra dita na mesma rua com o n.° 20.

Uma outra baixa, na dita rua, com o n° 2.

Uma outra, idem, idem, com o n.° 4.

Uma outra, idem, idem, com o n.° 6.

E uma outra, idem, idem, com o n.° 8.

Um palheiro sito na Costa Nova do Frado.

Uma terra denominada a Sernada, sita em Requeixo, que se compõe de terra lavradia, praias d'arroz e pinhal.

Quem pretender comprar todas ou qualquer d'estas propriedades, dirija-se á ex.ma viuva do fallecido, na rua José Luciano de Castro—AVEIRO.

Para a compra da quinta da Sernada, podem dirijir-se ao sr. Miguel Ferreira d'Araujo Soares, em Aveiro.

DICCIONARIO CHOROGRAPHICO

DE PORTUGAL

(PARTE CONTINENTAL E INSULAR)

por *F. A. DE MATTOS*

Designando a população por districtos, concelhos e freguezias; superficie por districtos e concelhos; todas as cidades, villas e outras povoações, ainda as mais insignificantes; a divisão judicial, administrativa, ecclesiastica e militar; as distancias das freguezias ás sedes dos concelhos; e comprehendendo a indicação das estações do caminho de ferro, do serviço postal, telegraphico, telephonico, de omissão de vales do correio, de encommendas postaes, etc.

Assigna-se na travessa de S. Domingos, 39, 2.°—Lisboa.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 37

CHEGARAM AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇÃO DE INVERNO

Lãs para vestidos, de grande novidade.
Cortes para vestidos, uma surpreza.
Boas do pennas com mais de 2 metros a 1$600.
Guarnições de pennas lindissimas desde 120!
Matolacez de seda largos, fortes, desde 1$000 até 6$000.
Velludos de seda pretos e côres desde 1$500.
Peluches de seda para confecções 4$500, 3$500 e 1$200.
Pannos francezes para casacos desde 1$000.
Visites modelos francezes 30$000, 25$000, 20$000, 15$000 e 9$000.
Grande sortimento de muitos outros artigos de grande novidade.

Sedas de Lyon

Em preto e todas as côres, por preços sem competencia, devido a condições especiaes exclusivo d'este estabelecimento por contracto com o proprio fabricante.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 41

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
POS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos*, são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são inefficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating*, e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.° andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating.
Pós de Keating.
Pos de Keating.

PREGOS D'ARAME

GRANDES DESCONTOS

PARA REVENDER

ENVIA-SE TABELLAS A QUEM AS REQUISITAR

COMPANHIA VICTORIA

Rua das Janellas Verdes

LISBOA

UNICO DEPOSITO

DE

FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DE

ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaes e mechanicos**, assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais**, etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista**, fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

———

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYÉS, para desinfectar casas e latrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias.—Preço 240 réis.

———

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa addicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente substituto de limão e baratissimo, porque um frasco dura muito tempo. Tambem é muito util no tratamento de Indigestão, Nervoso, Dyspepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis, e por duzia tem abatimento.—Os representantes srs. JAMES CASSELS & C.ª, rua do Mousinho da Silveira,—Porto, dão as formulas aos srs. Facultativos que as requisitarem.

GRANDE HOTEL VOUGA

EFFECTUOU-SE no dia 10 de setembro a abertura inaugural d'este magnifico hotel, sem contestação o primeiro da cidade, com explendidos commodos, admiraveis vistas para todos os pontos de Aveiro, e comidas de primeira qualidade, a preços reduzidos, em meza redonda ou separada.

O **Grande Hotel Vouga**, em todas estas condicções, excepcionaes, n'uma terra como esta, vem substituir o antigo *Hotel Aveirense*, em edificio proprio, desde o seu começo feito para um estabelecimento grandioso como este. Tem a todos os comboyos carro na estação do caminho de ferro da cidade, gratuito para os seus freguezes, garantia que nenhum outro offerece tanto aqui como lá fóra. Por todas estas razões, que são na verdade extraordinarias, o **Grande Hotel Vouga** deve ser de preferencia procurado por todos, e assim o espera o seu proprietario, que se não poupa a exforços para eleval-o á altura em que se encontra.

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS

E

PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382,—**LISBOA**

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODÃO hydrophilo, borico, hemostatico, dito ao (frasco de 100 grammas), iodo formado, phenico, salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVÃO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupahiba e cubebas, ergotino 0,1—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSÃO de oleo de figados de bacalhau com hyposphosphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, I. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de strychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modelo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, baratesa e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.°
PHARMACIA » » » » 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala e, por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componentes tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores*.

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica*, taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

ADVOGADO

DR. MANUEL FRANCISCO TEIXEIRA

Rua da Vera-Cruz

AVEIRO

AOS SRS. PHARMACEUTICOS

De todo o paiz, ilhas adjacentes e ultramar que ainda não tenham relações com a

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

roga-se queiram enviar os seus endereços ao escriptorio da companhia *Praça de D. Pedro, 59, 1.°—LISBOA* a fim de receberem *gratis* o 1.° numero do boletim da companhia, publicação cujo conhecimento deve interessar-lhes.

CREADA DE DENTRO

Precisa-se de uma creada para todo o serviço de dentro, incluindo o tratamento de creanças. Prefere-se a que tiver melhores abonações.

N'esta redacção se diz.

LIVRARIA

DE

MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

ALMANACH DE LEMBRANÇAS PARA 1893

Preço:—Cartonado 320 réis; brochado, 420 réis; dito das senhoras 240 réis.

Dôr

Com este titulo acaba de ser publicado um interessante livro de sonetos do sr. PAULINO D'OLIVEIRA, que se acha á venda em todas as livrarias, pelo preço de 400 réis.

LIVRARIA EDITORA—F. CHIAGAS

69—RUA AUREA—69

LISBOA

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—Praça de D. Pedro, 50, Lisboa

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

(*)

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA

900 a 1:000 GRAVURAS

PROSPECTO E ESPECIMEN GRATIS

Assigatura 20 réis por fasciculo ou caderneta 180 réis (10 fasciculos)

ESTÁ CONCLUIDO O PRIMEIRO VOLUME

PARA INFORMAÇÕES

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA

MOUSINHO DA SILVEIRA, 191 1.°—PORTO

E NAS LIVRARIAS

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa é a unica que vende os bilhetes da loteria portugueza a 5$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 500 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração, Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

OU

OS PLANOS OCCULTOS

D'UMA

FACÇÃO

LISBOA
NA TYPOGRAPHIA
Da rua da Bica de Duarte Bello n.° 55
1850

Condo de Thomar, sois um imbecil, porque a vossa habilidade cifra-se na intriga, e o vosso poder depende só do favoritismo.

Condo de Thomar, sois um miseravel; porque vos servis como meio politico da honra de uma senhora, de uma rainha; porque a sacrificaes impudentemente aos vossos nefandos fins.

E agora vinde com o vosso artigo transitorio. Accusae-nos. Levae-nos perante as vossas alçadas. Conduzi-nos ás vossas prisões de estado. Despresamos as vossas prepotencias, como detestamos a vossa pessoa.

Tendes o presente para tripudiar sobre as miserias do paiz; mas nós temos o futuro que vos hade esmagar.

O vosso castigo hade ser tremendo; porque a justiça dos povos não prescreve.

Lisboa 8 de fevereiro de 1850.

palavras não estão na lei franceza d'onde transladastes o vosso artigo. Aquella lei é barbara, reaccionaria, é uma producção digna dos falsos republicanos, que dominam hoje na França; mas tem senso commum, que é o que falta na vossa.

Alli considerou-se a suspensão do jornal como consequencia da sentença, como pena, como suspensão de direitos politicos. Aqui é *decretada* por um ministro. Aqui reservaes-vos o prazer de ir sellar as imprensas dos vossos adversarios com uma portaria. Aqui é a omnipotencia do caprixo, é o abuso erigido em lei, é a inviolabilidade do concussionario desaffrontando-se por suas proprias mãos.

A suspensão do jornal *decretada* e a censura descarada e arbitraria.

E que outra significação póde ter o art. 53 da proposta? Diz assim o curiosissimo artigo—*Todos os escriptos, álem dos jornaes e periodicos, em que se tractarem materias politicas, ou de economia social, e que tiverem menos de dez folhas de impressão, deverão depositar-se pelo impressor em poder do magistrado do ministerio publico do logar da impressão vinte e quatro horas antes de toda e qualquer publicação e distribuição. O impressor declarará no acto do deposito o numero dos exemplares que tiver tirado; e o dito magistrado dará ao impressor recibo da sua declaração.*

Eis-aqui o orignal d'esta mascavada rapsodia. E' o art. 7.° da ultima lei franceza sobre a imprensa: *tous écrits traitant de matiére politique, et d'économie sociale, et ayant moins de dix feuilles d'impression* autres que les journaux ou ecrits périodiques, *devront être déposés par l'imprimers, au parquet du procureur de la république du lieu de l'impression, vingt quatre heures avant toute publication et distribution.*

Pozemos em frente o texto da lei franceza e a traducção do conde de Thomar, para que o publico possa tirar as consequencias. São simples e logicas; reduzem-se a um dilemma—ou o conde de Thomar deve ir para a escólla aprender a traduzir francez, ou para Rilhafolles, porque está doido varrido, e decreta o impossivel. Ignorante ou louco, e em ambos os casos perverso é a verdadeira definição do estadista de Al-

godres. O adjectivo *autres* na lei franceza restringe; o adverbio *álem*, que na lei do condo parece corresponder-lhe, amplia. A lei franceza creou um tropeço á publicação do pamphleto, mas reconheceu logo que o jornal não podia sujeitar-se á mesma regra, e exceptuou-o expressamente da disposição geral. A lei do conde confundiu excepção e regra, e comprehendeu na sua disposição o jornal. Agora perguntâmos—fez-se isto só por ignorancia, ou ha tambem aqui muita malevolencia, e um pensamento reservado?

Supponhamos o artigo em vigor tal como está redigido. O jornalista escreve hoje o seu jornal, apressa-se em examinar as folhas estrangeiras e das provincias, em extractar as noticias, esmera-se em dar conta aos seus leitores das ultimas scenas das camaras legislativas, em discutir e analysar as ultimas providencias governativas. A'manhã sae a folha da imprensa. Mas antes de poder chegar ao assignante, ao leitor encontra o *veto* da lei. O impressor caminha com os exemplares debaixo do braço para casa do delegado. Se o não encontra espera, se o delegado foi assistir a um corpo de delicto, se foi tractar de uma causa de fazenda, se foi passear ou divertir-se, o impressor retira-se, e volta outra vez a procural-o. Passam-se horas. Encontra-o finalmente, cobra o recibo. Mas cuidaes que podeis agora distribuir e vender o vosso jornal? Estaes enganado. E' preciso que se contem da data do recibo as fataes vinte e quatro horas.

Quando o jornal que escrevestes hoje poder ser distribuido e publicado depois de ámanhã, dar-vos-heis por muito feliz. Antes nunca é possivel. As mais das vezes será depois de passados dois ou tres dias.

Eis o absurdo axiomatico, o absurdo que não precisa demonstrar-se para quem tenha a mais leve idéa do que é um jornal. Quereis saber agora como a publicação pode impedir-se de facto, como a censura surge da lei? O mecanismo é simples. Ninguem póde vender ou distribuir periodicos, escriptos, brochuras, etc. sem licença por escripto do governador civil, que póde, quando queira e sem responsabilidade alguma cassar esta licença (art. 44). Ora em vinte e quatro ho-